

Ana Maria Gazzaneo
Ana Raquel Fernandes
Anna Servelhere
Antonio Miguel Cestari
Caio Sales
Candida Papini
Celso Luiz Capodeferro
Cida Moreira
Cristiano Ferrari
Cristina Cacossi
Elenice Amaral Baratella
Eliane Reis
Fábio Siqueira do Amaral
Henriette Effenberger
João Luiz Servelhere
Joarez de Oliveira Preto
Laura Lanford

Leonilda Pbonneti Spina
Lóla Prata
Lyrrs Cabral Buoso
Maria Cestari
Maria de Abreu
Maria Inês de Oliveira Chiarion Zecchini
Marialini Bertolini
Marina Valente
Myrthes Neusali Spina de Moraes
Olanira Anversi
Otacílio Monteiro
Regina Maria Zanini Damázio
Silvana Cardoso de Almeida
Sílvio Dejean
Thays Feitoza Maldonado
Vladimir Inokob
Wadad Naief Kattar

Assombro
e
Encantamento

ENCONTROS COM
SERES IMAGINÁRIOS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A849 Assombro e Encantamento: encontros com seres imaginários /
organizado por Associação de Escritores de Bragança Paulista – ASES ;
ilustrado por Caio Sales. - Jundiá : Selo Editorial, 2024.
200 p. ; 16cm x 23cm.

Inclui índice.
ISBN: 978-65-84753-20-4

1. Literatura. 2. Antologia. 3. Conto. 4. Crônica. 5. Poesia. 6.
Folclore. 7. Lendas. 8. Mitologia. I. Associação de Escritores de Bragança
Paulista – ASES. II. Sales, Caio. III. Título.

2024-1037

CDD 800
CDU 8

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura 800
2. Literatura 8



Assombro e Encantamento

ENCONTROS COM
SERES IMAGINÁRIOS

SE
LO
editorial

Realização: Associação de Escritores de Bragança Paulista – ASES – 2024

Ilustrações: Caio Sales

Revisão: Regina Maria Zanini Damázio e André Kondo

Curadoria e supervisão editorial: Henriette Effenberger

Diagramação: Telucazu

Capa: Lilly Araújo

Reprodução proibida de textos, trechos ou ilustrações deste livro sem autorização expressa e por escrita dos autores.

Diretoria Executiva e Conselho Fiscal – Biênio 2024/2026

Presidente: Henriette Effenberger

Vice-Presidente: Lyrss Cabral Buoso

Diretora de Secretaria: Maria Cristina Cacossi Capodeferro

Diretora de Secretaria Adjunta: Regina Maria Zanini Damázio

Diretor Financeiro: Celso Luiz Capodeferro

Diretor de Patrimônio: Joarez de Oliveira Preto

Diretora Social: Wadad Naief Kattar

Diretora de Eventos: Maria Inês de Oliveira Chiarion Zecchini

Diretora de Comunicação: Ana Maria Gazzaneo

Diretora de Biblioteca: Silvana de Almeida

Conselho Fiscal: Cristiano Ferrari de Oliveira – Fábio Siqueira do Amaral e Maria de Lourdes Prata Garcia

1.ª edição – maio de 2024.

Associação de Escritores de Bragança Paulista

www.asesbp.com.br

Selo Editorial

www.seloeditorial.com.br

APRESENTAÇÃO

A ideia do encontro de escritores com seres imaginários foi inspirada em homenagem feita a Bragança Paulista pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Judith Siqueira Weber, de Potim (SP), na edição de 2022 da Festa do Folclore da Secretaria de Educação daquele município. Solicitados a colaborar com materiais e informações para os preparativos do evento, alguns membros da Associação de Escritores de Bragança Paulista – ASES notaram que o folclore ainda não havia sido tema de uma publicação institucional da entidade.

Da lacuna se fez a proposta *Meu encontro com um ser imaginário*, acolhida de imediato pelos “aseanos”, cada um com o direito de escolher a criatura a encontrar e o compromisso de escrever, em gênero literário de livre opção, um texto sobre o encontro. Para completar, ficou combinado que, um a um, os encontros seriam enriquecidos com uma ilustração criada pelo escritor e ilustrador Caio Sales. E assim foi feito!

O desafio cumprido com entusiasmo resultou neste livro que permite aos autores compartilhar a inusitada experiência com todas as pessoas abertas à possibilidade de buscar e reconhecer, no universo da imaginação, motivos para refletir, chorar ou sorrir, questionar ou recordar. Sem mais demora, segue a amostra do que vem por aí.

Algumas das narrativas inspiradas em histórias da infância trazem novo olhar para velhos conhecidos ao idealizarem um descendente bondoso do *Bicho-Papão* e uma *Cuca* diferente daquela descrita nos livros ou ao identificarem na figura do *Dragão de Guabiruba* o traço que faltava para a cri-

ação do mimo capaz de reavivar o brilho nos olhos da avó. Na lembrança da lenda da bela *Vitória-Régia*, a sensibilidade da abordagem reforça o valor da amizade inabalável.

Seguindo na mesma trilha de personagens dos tempos de criança ou de episódios da juventude, outros relatos evocam o “frio na barriga” do medo de quem ia tentar dormir ou precisava retornar para casa na escuridão logo depois de ter escutado histórias sobre a *Caipora* e a *Mula sem cabeça* ou ter vislumbrado, durante bate-papo de amigos, o inconfundível figurino branco da *Alma Penada*.

Conduzida pela cadência do cordel, a poeta fala do encontro com *Papai Noel* e da reação dele ao ouvir versos como este: “Vou lhe narrar, bom velhinho/ os fatos que desconhece/ há muito necessitado/ que o senhor não favorece”. Outros autores recorrem aos ritmos e rimas para discorrer em tom descontraído a respeito do *Chupa-Cabras* ou as tentativas de conquista e surpresas no baile a fantasia frequentado pela *Loira do Banheiro*.

A linguagem poética aparece, ainda, para mostrar o encontro como uma oportunidade de perceber o outro de maneira diferente daquela preconcebida quando sugere a besta-fera *Ao Ao* e o *Lobisomem* que não atacam possíveis presas, enfatiza o viés justiceiro de *Mãozinha Preta* ou minimiza a crueldade do “pequeno e travesso” *Saci*.

Sem perder pontos para os versos, a prosa literária mostra toda sua força para despertar sentimentos e reflexões. Relatos inspirados em outras crianças do reino imaginário (o *Saci* não foi o único) emocionam pela mensagem subliminar de empatia, solidariedade, disposição em ouvir e acudir o outro, simbolizadas na atenção a *Negrinho do Pastoreio* quando apresenta a versão dele para sua famosa história, no reconhe-

cimento ao apoio oferecido em momento de dificuldade pelo doce menino *Guaraná* ou no empenho da professora em fazer o possível e até o fictício para que os alunos percam o medo do *ET de Varginha*.

Medo faz lembrar as diversas reações das pessoas diante do perigo, do inesperado. Isso é retratado nas crônicas das escritoras que ousaram entrar floresta adentro e deram de cara com *Anhangá*, poderoso protetor de matas e animais, e *Mapinguari*, a terrível criatura com um olho no meio da cabeça e uma bocarra “onde seria o ventre”. Nem todos, porém, encontram feras por acaso. Alguns vão ao encontro delas e o relato do “valente e intrépido vencedor de criaturas hediondas” – que partiu à procura de *Mantícora* – faz pensar nas consequências dos atos praticados e na sensação de vitória que, muitas vezes, pode ser ilusória e precipitada.

Narrativas inspiradas em confissões do duende *Sanguanel* e na busca de auxílio do mago *Merlin* para a compreensão da própria religiosidade, tanto quanto o exemplo de fé presente na descrição de um encontro casual com a *Fada*, também motivam a refletir sobre a essência do ser humano ou as suas relações com a espiritualidade.

Da mesma forma, não faltam razões para sérias reflexões na envolvente descrição do encontro de orixás em que *Ossanha* canta sua esperança num futuro de justiça, igualdade e paz: “Tudo o que nascer/ Que seja para o bem/ Que viva e reproduza em harmonia...”. Ou nas palavras perturbadoras de *Corpo-Seco* e seu sonho de ser um líder do povo.

Por falar em música e sonhos, a suavidade dá o tom na prosa literária do encontro de escritoras com deuses do Olimpo, mostrando caminhos para reviver intensas emoções sob a inspiração de *Apolo e as Musas da Música* ou para ver reali-

zado o desejo de estar com *Orfeu* depois do belo espetáculo musical. Para não perder a capacidade de sonhar e de realizar sonhos, é importante descobrir vilões que podem roubá-los, como fez a jovem escritora ao conhecer o guloso *Baku*.

Leveza e música trazem à lembrança a *Sereia*, uma das criaturas imaginárias mais famosas, protagonista de lindos relatos, como o da escritora que aprendeu a nadar e foi atingida pela “violenta rabada” da rainha das águas e do marujo que, contrariando os conselhos do comandante do navio, se deixou levar pelos cantos e encantos da mulher-peixe. As duas situações fazem pensar!

Do reino das águas, igualmente, vem a inspiração para as autoras que, aliando a reconhecida competência (não só a literária) com a criatividade, inserem os seres imaginários no mundo humano atual e abrem espaço para a discussão de questões importantes como assédios e negação da paternidade ou o poder de influenciadores e a valorização excessiva de padrões de beleza. Foi assim que o *Boto* confessou estar no centro de inúmeros processos judiciais e *Yara* recebeu convite para se tornar consultora de beleza. Vai se tornar influenciadora?

Há muito mais a contar sobre este livro que, tecido em crônicas e poemas, oferece um passeio em voo rasante pelo universo imaginário, com escalas para mostrar detalhes de cada encontro, incluindo o telhado de uma certa casa onde a *Pisadeira* conheceu o poder da literatura para lançar ou quebrar encantos. Porém, a empoderada *Matinta Pereira*, já impaciente com esta apresentação que não termina nunca, está chamando o leitor: “Agora é sua vez, vamos... Alce voo”!

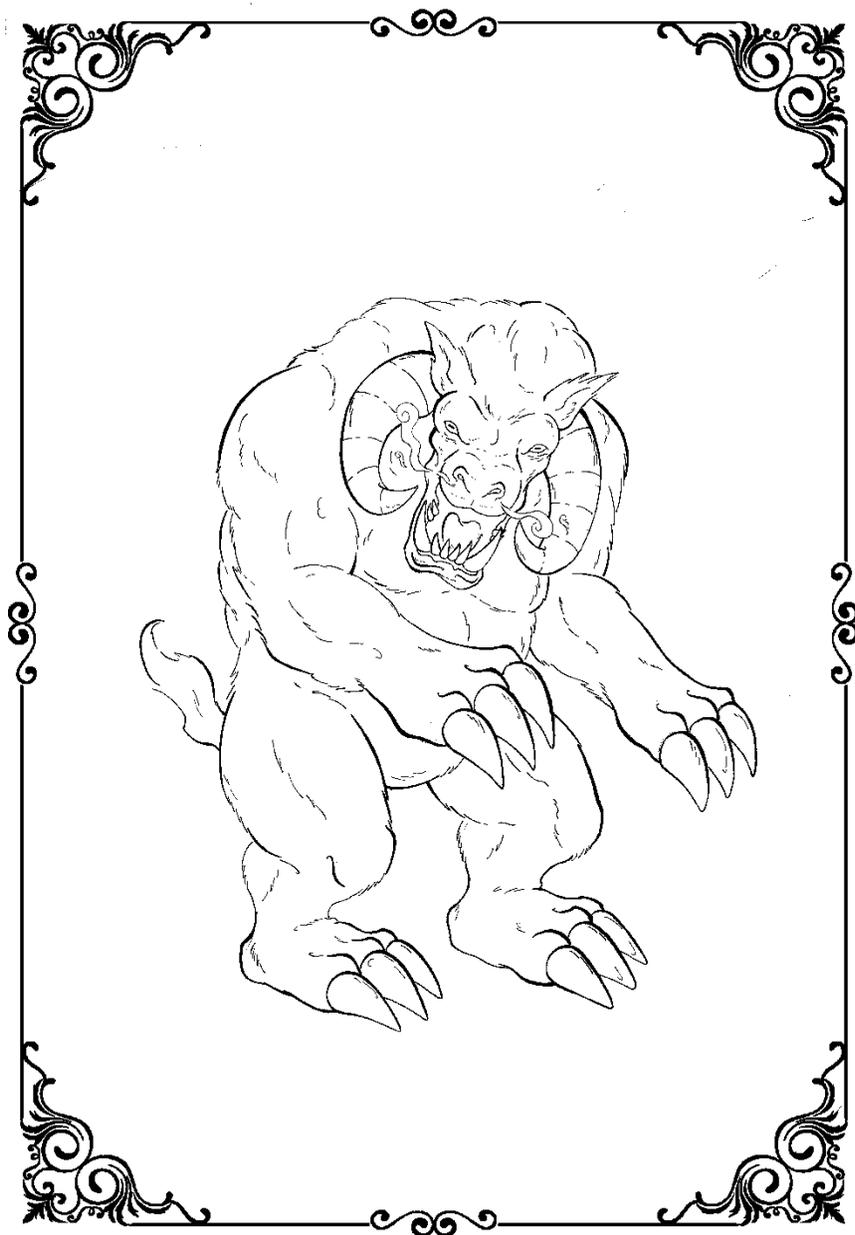
Regina Maria Zanini Damázio

Sumário

APRESENTAÇÃO	9
Ana Maria Gazzaneo — Ao Ao	17
Ana Raquel Fernandes — Matinta Pereira	23
Anna Servelhere — ET de Varginha	29
Antonio Miguel Cestari — Vitória-Régia	35
Caio Sales — O dragão da Guabiruba	41
Candida Papini — Caipora	47
Celso Luiz Capodeferro — Sanguanel	51
Cida Moreira — Sereia	57
Cristiano Ferrari — Ossanha	63
Cristina Cacossi — Papai Noel	69
Elenice Amaral Baratella — Apolo e as musas	77
Eliane Reis — Mãozinha Preta	83
Fábio Siqueira do Amaral — Mantícora- Martiya Kwar	87
Henriette Effenberger — Boto	91
João Luiz Servelhere — Bicho-Papão	97
Joarez de Oliveira Preto — Sereia	103

Laura Lanford — Baku	107
Leonilda Yvonnети Spina — Pisadeira	111
Lóla Prata — Uiara /Yara	115
Lyrss Cabral Buoso — Mula sem cabeça	119
Maria Cestari — Orfeu	125
Maria de Abreu — Mapinguari	131
Maria Inês de Oliveira Chiarion Zecchini — Cuca	135
Marialini Bertolini — Fada	141
Marina Valente — Chupa-Cabra	147
Myrthes Neusali Spina de Moraes — Negrinho do Pastoreio	153
Olanira Anversi — Vampiro	157
Otacílio Monteiro — A loira do banheiro	161
Regina Maria Zanini Damázio — Lobisomem	167
Silvana Cardoso de Almeida — A lenda do guaraná	173
Sílvio Dejean — Saci	177
Thays Feitoza Maldonado — Corpo-Seco	181
Vladimir Inokov — Mago Merlin	187
Wadad Naief Kattar — Anhangá	193

Ana Maria Gazzaneo
Ao Ao



Ao Ao, também grafado como Ahó Ahó, é o nome de uma monstruosa criatura da Mitologia guarani. Um dos filhos de Tau e Kerana, é uma das figuras centrais da mitologia dos povos que falam a língua guarani, localizados no Paraguai, norte da Argentina e sul e oeste do Brasil. Ao Ao é frequentemente descrito como sendo uma voraz criatura parecida com um carneiro, com um grande conjunto de presas afiadas. Alternativamente, também é descrito como uma grande queixada carnívora. O seu nome é derivado do som que faria ao perseguir suas vítimas. Ao Ao teria uma enorme virilidade e por isso é identificado como o princípio da fertilidade pelos guaranis. Produziu grande descendência igual a ele, e servem coletivamente como senhores e protetores das colinas e montanhas.

BESTA FERA DA MONTANHA AO AO

Eu caí de um avião...
E me vi lá na montanha.
A sorte não estava ganha...
Tive medo de montão.

Não dormi, com tanto medo
Que houvesse assombração
Uivava e com arremedo
Um bicho na escuridão.

Dele eu não sabia muito,
Se feroz ou se zangado.
Se cauteloso ou fortuito,
Ou de bote calculado.

A noite caiu rasteira,
E fiquei apavorada...
Subi em uma Palmeira,
Pra me livrar da enrascada.

O bicho ficou irado
Rugiu muito feito leão
Barulhão foi redobrado,
E me vi num alçapão.

Mas cansado
Um silêncio denunciou
Que a besta, lá pelas tantas,
De me papar renunciou.

Quando o dia amanheceu
Um nativo me encontrou
E contou o que ocorreu
Disse que Deus me salvou.

Ao Ao era besta fera
Canibal e predador
Ia me fazer quirera
Mas a sorte me poupou.

Segundo a lenda local
Ele nunca desistia
Era uma fera do mal
Quem achava ele comia.

Protegia a Natureza
Mais o Vale e a Montanha
Sequer havia uma reza
Que livrasse de sua sanha.

Somente havia a saída
Se o vivente perseguido
Encontrasse uma Palmeira
Nela tivesse subido.

Pois a Palmeira é sagrada
E a besta não se aproxima
Preservada era a caçada
Impedida era a vindima.

Palmeira no meu caminho
Mais a proteção divina
Afastaram o ser daninho
Lenda ou não, a história é minha.

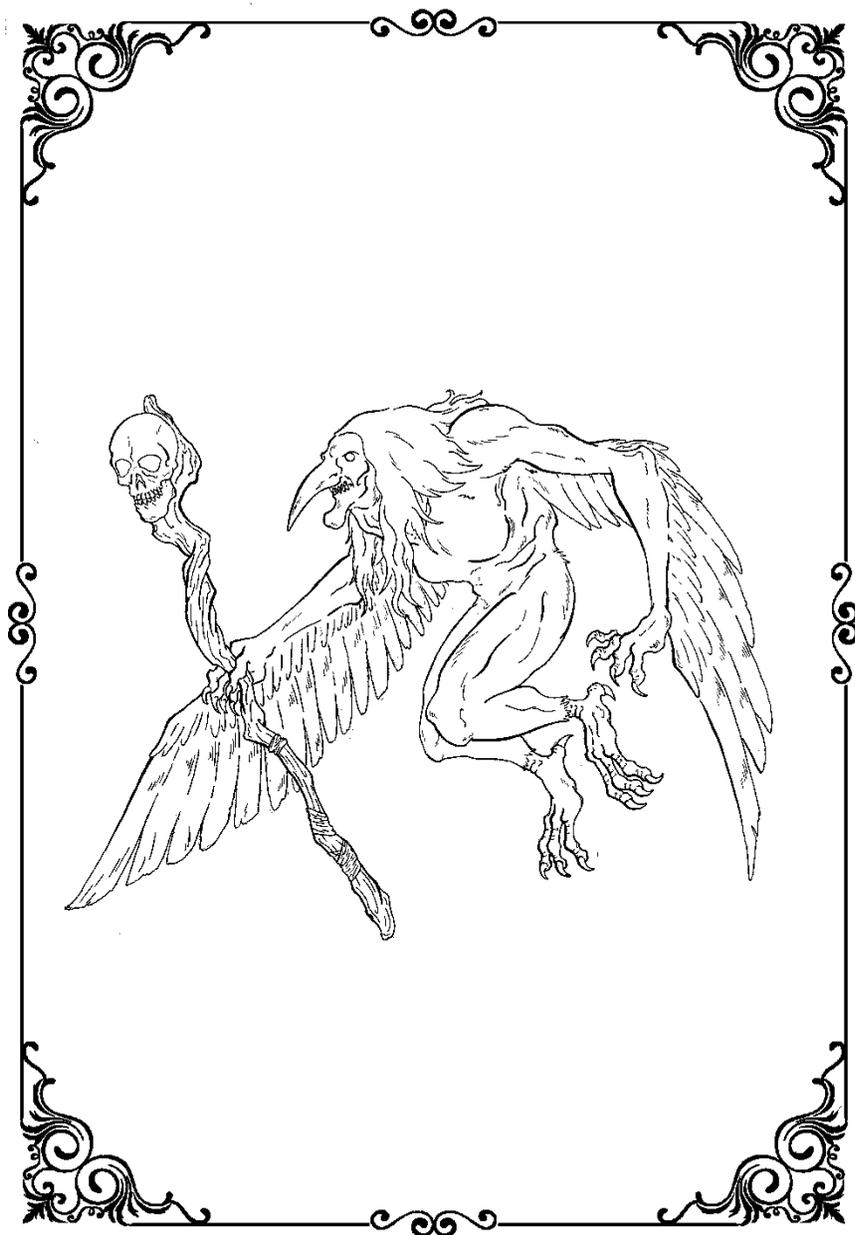
Sorte enfim, e sem saber
No cimo, achei salvação
E escapei de morrer
Na boca deste glutão.

Besta fera violenta,
Mito Tupi-Guarani,
Seu panteão acrescenta
Maldade que nunca vi.

Criança que é malcriada
Ele estraçalha e devora
Se o encontrar pela estrada
Rogue não ser a sua hora.

Bicho que se reproduz
Com muita facilidade
À sua fama ele faz jus,
Mas nunca vem pra cidade.

Ana Raquel Fernandes
Matinta Pereira



Matinta Perera é uma personagem do folclore brasileiro, mais precisamente na Região Norte do país. Trata-se de uma bruxa velha que à noite se transforma em um pássaro agourento que pousa sobre os muros e telhados das casas e se põe a assobiar, e só para quando o morador, já muito enfurecido pelo estridente assobio, promete a ela algo para que pare (geralmente tabaco, mas também pode ser café, cachaça ou peixe). Assim, a matinta para e voa, e no dia seguinte vai até a casa do morador perturbado para cobrar o combinado. Caso o prometido seja negado, uma desgraça acontece na casa do que fez a promessa não cumprida.

VOOS

Essa menina é mesmo do contra, era o que diziam sobre mim, e isso desde muito pequena.

A curiosidade também sempre fora uma de minhas características mais marcantes, talvez por isso, naquele dia especialmente estranho, resolvera me aventurar, sozinha, pela trilha, que diziam os homens que pretendiam nos causar medo, conduzia a uma casa abandonada onde morava uma velha bruxa.

E não era eu também uma bruxa? Por sorte não fora contemporânea daquelas a quem a Santa Inquisição condenou ao fogo. Mas era livre, o que dava na mesma.

A trilha não era extensa, ao final dela, a casa. Era pequena, o cimento nas paredes corroído pelo tempo. O verde da vegetação que dividia espaço com ele, dava-lhe um aspecto natural, como se ela sempre fora assim. Não tinha portas, então, entrei. Para minha surpresa, e porque meus olhos famintos procuravam por algo, logo se detiveram num canto, onde repousava uma espécie de caderno.

Ah... Meu olhar se iluminou imediatamente, movido pela sede de ler o que quer que fosse que estivesse registrado naquelas folhas amareladas. Mulheres que cultivam o prazer da leitura são perigosas, diziam. Sentei-me no chão, pernas de índio, caderno em punho.

21 de junho de 1947

Hoje, fui expulsa de casa. Ainda não sei como, nem através de quem, mas meus pais ficaram sabendo do meu

romance com Pedro. Ficaram sabendo do pior, que eu não sou mais pura. Fui expulsa com a roupa do corpo, um tapa no rosto e a maldição de não pertencer mais à família. Vagabunda, foi como meu pai me chamou, antes de bater a porta.

Já tarde da noite, procurei Dona Zilá, a velha benzedeira, conhecida por ajudar moças como eu. Ela realmente ajudou-me, e de uma forma como eu nunca imaginara. Ela me libertou. Disse que eu finalmente seria livre, livre do julgamento dos homens, livre do seu assédio imoral, livre da maldade das outras mulheres e toda sua suposta vida pudica. Disse que agora eu poderia beber e fumar quando bem entendesse, coisa que era absolutamente proibida em casa. Se é que algum dia eu realmente tive uma. Mas porque tudo tem seu preço, eu assumiria seu lugar, e toda noite sofreria uma belíssima metamorfose. Eu viraria um pássaro, um pássaro agourento e derramaria meu canto sobre os telhados dos poderosos, ameaçando-lhes. Sim, ao menos uma vez na vida eles sentiriam medo, e seria eu quem lhes causaria essa inédita sensação.

Eu seria agora sua sucessora. Eu seria Matinta Pereira.

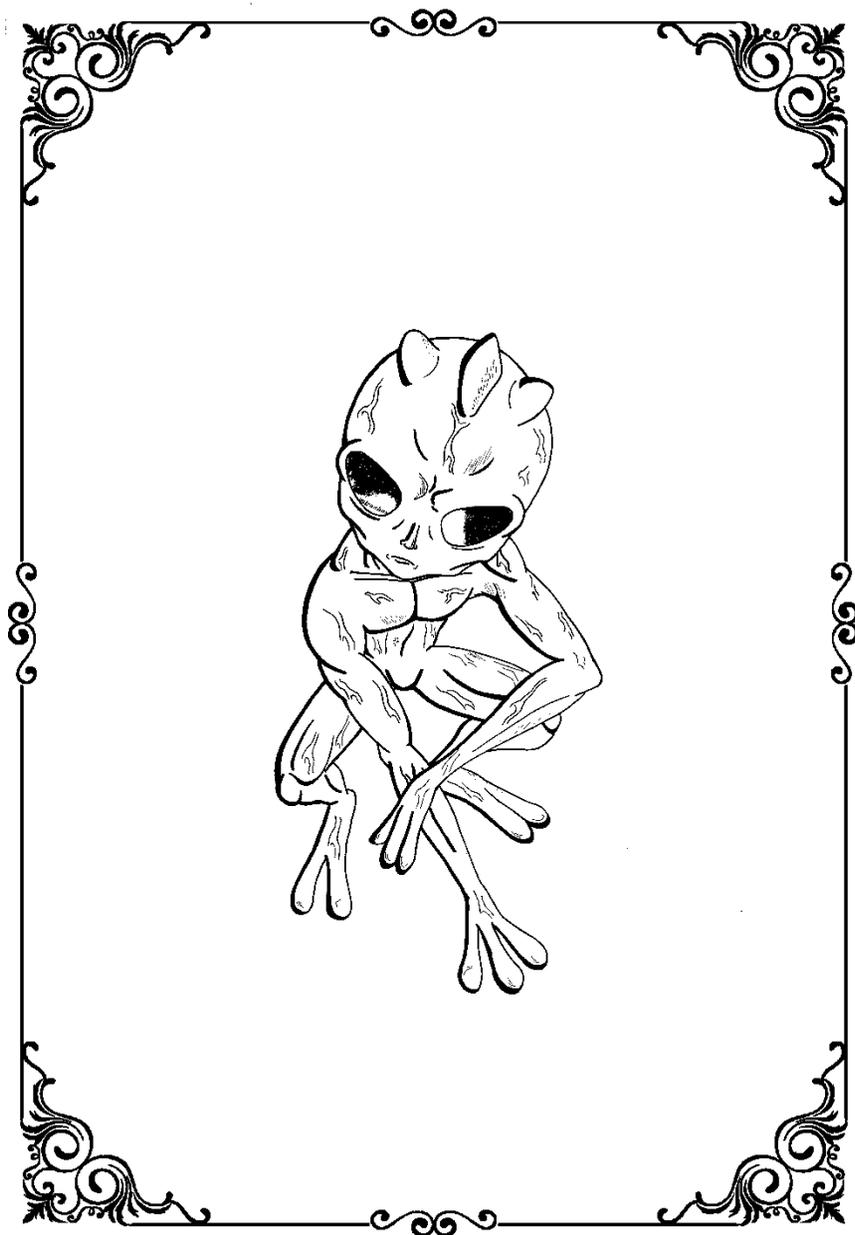
Uma forte golfada de ar fechou as páginas daquele diário, e como por um encantamento, vi-me agora sentada aos pés de uma cadeira de balanço, onde uma velha de olhar penetrante fumava seu cachimbo e ria, ria cada vez

mais alto. Até que seu riso cessou e o que pude ouvir foram exatamente as palavras que transcrevo agora:

Menina, minha menina! Eu sabia que você viria. Agora, é sua vez, vamos, estique esses braços, que eles não foram feitos só para limpar fundilhos de macho, endireite essas costas. Alce voo!

E eu ri com ela. Que toda mulher traz consigo a sina de ser forte, forte o suficiente para romper com as amarras que as prendem a homens medíocres, fortes para alçar seus próprios voos. Não, não somos apenas um depósito para seu escárnio, somos a própria vida rindo a da morte.

Anna Servelhere
ET de Varginha



ET de Varginha -Uma criatura foi avistada por três mulheres de 14 a 21 anos: as irmãs Liliane e Valquíria Fátima Silva, e sua amiga Kátia Andrade Xavier. Na tarde de 20 de janeiro de 1996, quando chovia forte e ventava muito, e resolveram pegar um atalho por um terreno baldio, quando alegaram ver a criatura: Um bípede de cerca de 1,6 metros de altura, com uma cabeça grande e corpo muito fino, com pés em forma de V, pele marrom e grandes olhos vermelhos. Parecia estar trêmula ou instável, e as garotas achavam que estava ferida ou doente. As irmãs Silva afirmaram ter fugido e disseram à mãe que tinham visto o "diabo". A mulher não acreditou nelas até que foi para a área onde elas supostamente tinham visto a criatura, onde diz que sentiu um cheiro desagradável que não soube descrever, e não encontrou nada além de uma marca no chão e um cachorro cheirando o lugar.

UMA LENDA INESQUECÍVEL

Anos atrás, quando lecionava Português em séries de Ensino Fundamental e Médio, encontrei alguns alunos amedrontados e chorosos em uma quinta série do ensino fundamental e indaguei o motivo:

— Por que choram, crianças?

— Professora, estamos com medo!

— Isso já percebi, digam o que temem e verei se posso ajudá-los.

— Sabe, prô – disse a representante da classe, garota esperta e vivaz. Estamos todos com medo do ET de Varginha! Não sabemos o que ele pode nos fazer, pois moramos vizinho a essa cidade.

— Muito bem, vamos entender e ver como podemos ajudar, tá? Até porque essa história já se passou há algum tempo e não precisamos mais temê-la.

Recountei a história das irmãs que diziam ter visto um ser com manchas parecendo veias na pele e algumas protuberâncias na cabeça. Parecia ser uma coisa muito mole, que dava a impressão que ia estourar, com a pele lisa e os olhos vermelhos, sem olhar para elas. Nada parecido com ser humano ou animal”, descrevera uma delas.

— Bem, para começar vamos desenhar o ET e escrever uma cartinha para ele. Também eu farei a minha – disse à classe!

— Eles concordaram, pois, era prática da disciplina criar texto com estímulo visual (nesse caso seria imaginário)

Ao ler as produções, notei que a maioria delas pedia para não serem atacados, perseguidos ou agredidos (até devorados!)

Então propus uma dinâmica, onde eu representaria o ET, três seriam as meninas que o viram, um casal que teria visto disco voador nas redondezas, outros três seriam os soldados que o recolheram encaminhando a um hospital .

Cada um perguntaria ou diria o que quisesse para o ET.

Essa foi uma tentativa para desfocar o medo, pois nada fora comprovado a respeito do assunto, que ainda trazia insegurança, incertezas adormecidas na história.

Iniciamos a encenação, meio a euforia e expectativa de todos. Apresentei-me como sendo um ser vindo de outro planeta, e por isso minha aparência era diferente da deles.

As *três meninas*, com cara de espanto, perguntaram o que viera fazer na Terra, ao que respondi que *queria trocar experiência com seres de outros planetas*.

O “*casal*” perguntou se tinha vindo em disco voador visto por eles, lá de sua fazenda.

— Sim, viemos em pares, alguns estão em outros pontos!

Dois guardas disseram que poderiam estar invadindo espaço privado e poderiam ser capturados e sabe-se lá o quê lhes aconteceria.

— Sei que um dos senhores já não vive, contaminou-se ao tocar em mim !

— E se representam perigo esperam qual reação dos habitantes deste Planeta Terra? (*uma das meninas*)

— Peço perdão a todos e permissão para retornar à nave com meus irmãos e prometo não mais causar-lhes desabono.

— Podemos acreditar? – perguntaram todos.

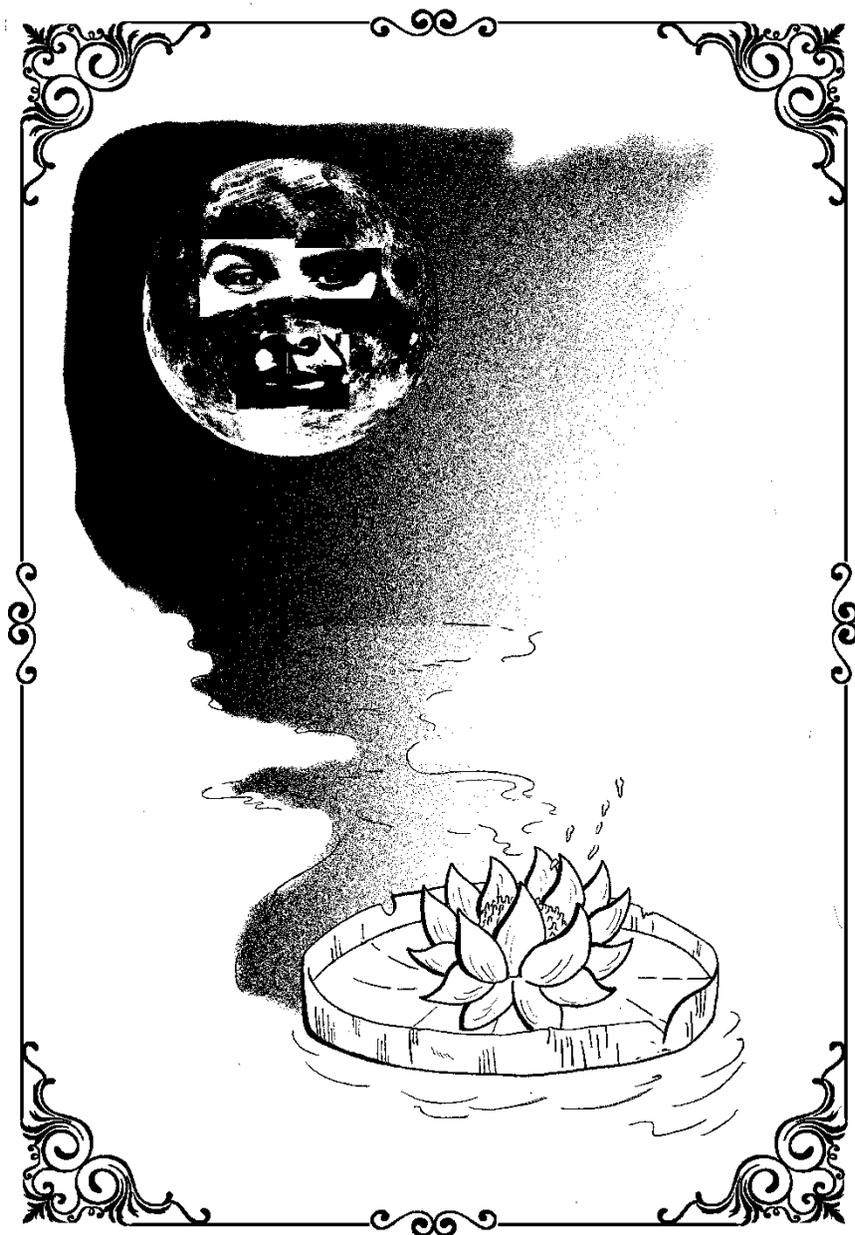
— Sim, só se vocês permitirem que eu leve a receita de pão de queijo mineiro, tão apreciados no mundo inteiro!

— Sim, claro, e se pensarem em voltar, façam-no dentro das normas institucionais, enviando pedido de pousar em qualquer lugar do Brasil (*os militares*)

Ao final desta etapa, todos leram seus trabalhos e fixaram no varal literário não sem antes confeccionarem uma faixa com os dizeres:

“O ET DE VARGINHA NÃO É MAU, E NÃO VOLTARÁ, POIS LEVOU COM ELE A RECEITA DE PÃO DE QUEIJO MINEIRO”

Antonio Miguel Cestari
Vitória-Régia



A lenda da Vitória-Régia: Há muitos anos, em uma aldeia indígena, contava-se que a Lua (ou Jaci) era uma deusa que, ao despontar a noite, beijava e enchia de luz os rostos das mais belas virgens do local: as cunhantãs. Sempre que ela se escondia atrás das montanhas, levava para si as moças de sua preferência e as transformava em estrelas no firmamento. Uma linda jovem virgem, a guerreira Naiá, vivia sonhando com esse encontro e mal podia esperar pelo grande dia em que seria chamada por Jaci. Os anciãos da aldeia alertavam Naiá: depois do encontro com a sedutora deusa, as moças perdiam seu sangue e sua carne, tornando-se luz, e viravam estrelas no céu. Mas quem a impediria? Naiá queria muito ser levada pela Lua. À noite, perambulava pelas montanhas atrás dela, sem nunca alcançá-la. Todas as noites eram assim, e a jovem definhava, sonhando com a união, sem desistir. Não comia nem bebia nada. Tão obcecada ficou que não havia pajé que a convencesse do contrário. Um dia, após parar para descansar à beira de um lago, viu em sua superfície a imagem da deusa amada: a Lua refletida em suas águas. Deslumbrada pelo seu sonho, lançou-se ao fundo do lago e se afogou. A Lua, compadecida pelo ocorrido, quis recompensar o sacrifício da Naiá, e resolveu transformá-la em uma estrela diferente de todas aquelas que brilham no céu. Converteu-a então em uma "estrela das águas", única e perfeita: a vitória-régia. Assim, nasceu uma linda planta cujas flores perfumadas e brancas só abrem à noite, e, ao nascer do sol, ficam rosadas.

VITÓRIA-RÉGIA

Antes da linguagem escrita, as estórias eram contadas no boca-a-boca, sendo assim, transmitidas de geração a geração. Tornaram-se os contos de fadas, estórias e mitos que nos ensinam lições preciosas para enfrentarmos os desafios de nossas vidas.

Há algumas dezenas de anos, quando eu ainda era criança, minha avó contava muitas estórias antes de eu adormecer. Uma delas me marcou. Toda manhã quando ia lavar o rosto na bica d'água, lembrava-me da estória e imaginava muitas flores brancas escorregarem pelas minhas mãos.

Na estória, havia uma indiazinha de minha idade que se chamava Naiá. Ela gostava de brincar com seu amiguinho, o indiozinho Jaci. Certo dia, Jaci foi picado por uma serpente. Naiá chorava muito por sentir falta de seu companheiro para brincar. Seus pais a consolavam dizendo que ele tinha sido transformado num deus muito importante e que todas as noites acompanhava seu adormecer. Um dia, Naiá perguntou aos pais:

— Onde está o deus Jaci? Eu quero brincar com ele.

Para confortá-la mostraram-lhe a lua dizendo que era o deus Jaci.

Naiá tentava aceitar a lua como seu amiguinho. Ficava algumas noites acordada, até muito tarde, contemplando Jaci entre as nuvens no céu.

Numa noite de verão, o céu estava limpo e a lua cheia. Naiá acordou, saiu da oca, ficou entusiasmada, pois, Jaci estava lindo e muito maior que em outras noites. Sentou-se numa pedra e ficou por horas contemplando seu amiguinho. Levantou-se e, ao caminhar, notou algo brilhante no lago, próximo à aldeia. Era um fecho de luz, vindo da lua. Chegou mais perto e debruçou-se numa das pedras que circundava o lago, para ver de perto a luz da lua refletida. Qual não foi sua surpresa! Ali estava o seu amiguinho Jaci. Conversou muito com ele e pediu-lhe que voltassem a brincar. Jaci lhe explicou que o caminho de volta era bastante difícil, muito longo, mas um dia iriam brincar juntos novamente.

No final da conversa, Naiá pareceu satisfeita e despediu-se de Jaci. Porém, ao levantar-se escorregou, bateu a cabeça numa pedra e caiu desacordada no lago.

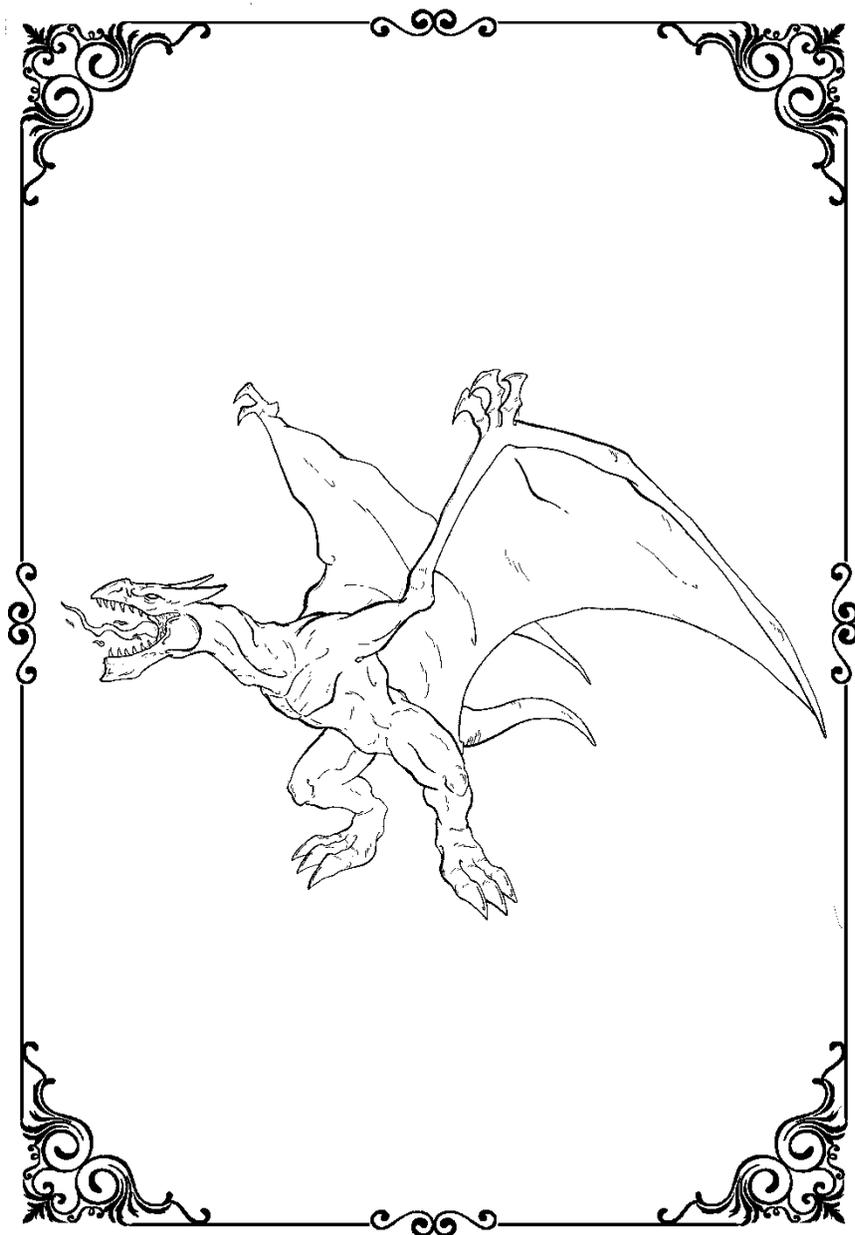
O deus Jaci se compadeceu e transformou Naiá numa linda flor branca perfumada! Ordenou às plantas aquáticas que a circundassem, levando-a à superfície do lago. As plantas aquáticas foram obedientes, uniram-se e circundaram Naiá. Subiram à superfície, formaram um círculo bem no centro do lago, elevando a linda flor branca que exalava um vigoroso perfume.

Os habitantes da aldeia, pela manhã, sentiram um intenso perfume invadir o local. Curiosos, saíram da oca e viram aquela bela flor branca, diferente, como nunca vista!

Sentindo a falta da indiazinha, acreditaram que Naiá se transformou naquela linda flor e a denominaram Vitória-Régia, que significa Rainha da Vitória. Pois, Naiá foi vitoriosa ao realizar o desejo de brincar com Jaci, na superfície do lago, nas noites de lua cheia.

Ainda hoje, quando vejo uma bica d'água, a estória se repete. Corro para reencontrar Naiá. Lavo as mãos e o rosto, sinto as mãos perfumadas. Enquanto flores brancas escorregam e desaparecem entre meus dedos, converso ternamente com Vitória-Régia.

Caio Sales
O Dragão da Guabiruba



O Dragão da Guabiruba (lenda):

A lenda do dragão tem origem na cidade de Guabiruba, localizada no interior de Santa Catarina. Conta-se que, em 1982, um agricultor da região montanhosa do Lageado Alto avistou um imenso dragão alado, de corpo marrom e escamoso, expelindo sua língua flamejante nas proximidades da mata. Relatos similares começaram a surgir posteriormente, bem como descrições de uma misteriosa caverna nas redondezas. Alguns moradores locais passaram a sugerir que a criatura poderia ser até mesmo um animal pré-histórico que hiberna e reaparece a cada oito anos. Apesar de períodos de inatividade, avistamentos subsequentes e até mesmo incidentes aéreos ajudaram a aumentar a popularidade da lenda. Hoje em dia, o chamado Dragão da Guabiruba – ou de Guabiruba – é considerado um ícone local, dominando os céus, as minas abandonadas e o imaginário da região.

ASAS PRÉ-HISTÓRICAS

Depois de uma temporada em Floripa expondo minhas artes, viajei até Guabiruba, a chamada terra do “dragón”. Mesmo chegando à noite, ainda tive disposição para tomar uma cerveja de maçã com canela e fazer uns rabiscos num *pub*, e na manhã seguinte já parti para o bairro Lageado Alto. Fazia tempo que não voltava à minha terra natal, onde agora existe uma galeria a céu aberto, financiada por um magnata que dizem ter uma mansão pelas montanhas.

O destino era uma exposição com temática pré-histórica por aquela região montanhosa, com obras interativas e resistentes ao clima, além de redomas com esqueletos e fósseis. A ideia era ficar por lá estudando e desenhando até o último supertrem passar.

Quando meus pais se separaram, mudei com a mãe e a vó para Irati, no Paraná. Minha mãe é paleontóloga e, por consequência, me especializei em Paleoartes depois de me formar em Artes Visuais. E foi esse amor por desenhos e dinossauros que me trouxe até aqui: a busca pelo desenho mais belo.

Assim que cheguei à exposição, fiquei maravilhado. Era tudo incrível. Representações de dois crânios grafitados e gigantes de Abelissauro já nos recepcionavam. Eram tantas coisas que meus olhos brilhavam enquanto eu caminhava por aquele terreno que unia natureza, tecnologia e arte. Uma amálgama vibrante e rústica.

Logo fui me embrenhando pelo local.

Atraído pelas esculturas em neon lá fora, eu saí da redoma por um breve momento, e quando percebi estava em meio à mata. Havia me distanciado do grupo de visitantes. Depois de uns bons passos, notei algo que parecia planar lá no alto. Aquela coisa desceu e pousou à minha frente. Quando a poeira baixou por entre os arbustos, olhos cor de âmbar me fitaram, e um estopim de memórias me atingiu.

No meu tempo de guri, eu adorava as histórias encantadas que a vó contava, em especial a do dragão da nossa cidade. Lembro de madrugadas inteiras em que fiquei lendo embaixo do cobertor, enquanto meus pais discutiam na sala. Era uma forma de me desligar do mundo e ir para um lugar mágico. As histórias me inspiravam a fazer vários desenhos pra vó. Com o tempo, ela foi perdendo a memória; errava as palavras e não nos reconhecia. Com isso, fui perdendo, pouco a pouco, o interesse por desenhos fantásticos, e passei a me dedicar aos científicos. Fui dos dragões aos dinossauros.

Aquela aparição, bem diante dos meus olhos, fez toda a magia retornar, derrubando meu ceticismo. Sem dúvidas, eu estava diante do lendário Dragão da Guabiruba do qual minha vó tanto falava! Sua língua de fogo ardia em escarlate; as asas se assemelhavam às de um Pterossauro; tinha uma carranca com chifres e dentes primitivos.

Ofegante, tentei tirar foto com meu celular, que naquele instante travou misteriosamente. Sem perder tempo, deixei o aparelho de lado e comecei a desenhar.

Os pincéis transmitiam toda a imponência da fera ancestral. Suas escamas tinham um tom puxado para o marrom, avermelhando-se diante dos raios de sol que transpassavam pelas folhas das árvores. Ele permanecia inerte, como se estivesse ali para me ensinar algo. Para se apresentar ao neto da Dona Nena. Aguardando até a última pincelada... e ela veio.

Quando voltei para Irati, eu entreguei a arte pra vó, que, depois de muitos anos, completou uma frase novamente. Ela segurou firme no papel desenhado, olhou no fundo dos meus olhos, sorrindo, e disse: “O dragão”. Deu uma breve pausa e concluiu, com os olhos marejados e uma lucidez que há muito não se via, “muito obrigada, é o desenho mais lindo que já fez pra mim”.

Pelo visto, não foram só as minhas memórias que foram despertadas.

Candida Papini
Caipora



Caipora é uma entidade da mitologia tupi-guarani. A palavra “caipora” vem do tupi caapora e quer dizer "habitante do mato". No folclore brasileiro, é representado como uma pequena indígena, ágil e nua. Habitante das florestas, reina sobre todos os animais e que destrói os caçadores que não cumprem o acordo de caça feito com ela. Seu corpo é todo coberto por pelos. Ela vive montada numa espécie de peccarideo (queixada ou cateto) e carrega uma vara. Prima do Curupira, protege os animais da floresta. Os índios acreditavam que a Caipora temesse a claridade, por isso protegiam-se dela andando com tições acesos durante a noite.

CAIPORA

Arquivados no fundo da memória estão os melhores e mais doces momentos já vividos – os da infância.

Sempre acesso esses arquivos, na tentativa de revivê-los e trazê-los à vida.

Um desses momentos mágicos foi o de ouvir histórias fantásticas, contadas por um empregado da fazenda de meu avô Carolino, lá nos sertões de Minas Gerais.

Era a arte de seu Antônio Violeiro contar histórias – inventadas e reinventadas por ele – para encantar as crianças da casa em noites de luar.

A que mais me assustava e me fazia ouvir com frio na barriga era a da caipora, um ser cujo nome me fazia ficar quietinha e até tremer de medo. Mas sempre pedia bis, justamente pelas emoções que suscitavam em mim.

Ele enfatizava e engrossava a voz para iniciar... Era uma vez um ser...

Pausava para chamar nossa atenção, pois já bocejávamos de sono...

Esse ser misterioso protegia as florestas. Chamava-se caipora. É uma entidade mitológica dos povos tupi-guarani. Reside no interior do mato, onde a mata densa dificulta o acesso. É uma lenda...

Essa lenda do folclore brasileiro nos fala de uma índia baixinha que vive no meio das florestas, sendo pro-

tetora dos animais, principalmente dos que são alvos dos caçadores.

Como forma de proteção aos animais da floresta, ela traz má sorte ou até aterroriza os caçadores.

Cronistas do século XVI apontam a possibilidade de que essa lenda já existia nesse período.

Que vontade de abrir a porta e ir sorrateiramente lá fora, para surpreendê-la. Ai que medo! Cadê coragem? Nunca tive. Foi um impulso controlado e protelado até hoje, não por falta de vontade, mas por absoluto medo.

Não me atrevo a sair lá fora, principalmente em noites de lua cheia. Vai que ela está lá... Vai que está me espreitando ainda!!

Ah a imaginação infantil... Somente a infantil? Será?

Celso Luiz Capodeferro
Sanguanel



Sanguanel – Um ser pequeno e vermelho que rouba crianças e esconde no alto das árvores: esse é o Sanguanel, personagem do folclore gaúcho. Ele vive pelos pinheiros da Serra e deixa os pais loucos procurando as crianças que levou. Quando elas são encontradas, geralmente estão sonolentas e lembram muito pouco das coisas que aconteceram. Porém, elas não esquecem da figura vermelha do Sanguanel, do ninho em cima de um pinheiro e do mel trazido numa folha. Raramente o Sanguanel se envolve com adultos. Nesses casos, assume o papel de vingador engraçado, mas tudo sem maldade.

SANGUANEL – O DANADINHO!

Caneta em punho. Ligação direta com a mente. Verdade... Mentira... Questionamentos... Minha oficina da mente começa a produzir. Minha CP “cabeça pensante” me transporta para minha infância e pré-adolescência, início de observações e análises de fatos.

Neste momento me lembro de um duende muito danado, “aparentemente” bonzinho. Vou até uma enorme árvore que tenho no quintal e de repente... minha mente promove um encontro com você, Sanguanel. Estou examinando atentamente o seu habitat: o topo das árvores. Quantos anos você tem? Talvez 150? Permita-me uma comparação e uma interpretação entre mentira pura e mentira real. Ambas assombram, trazendo discórdias. No meu primeiro emprego na minha pré-adolescência, a tristeza me invadia. Constatei a existência da mentira, da manipulação, da maquiagem comportamental que a minha pureza desconhecia.

As pessoas, para se preservarem de suas falhas, adotavam a mentira, sem suspeitar que quem as rodeavam estavam percebendo. Até a minha maioridade, analisei criteriosamente quanto de verdade ou mentira regiam.

Percebo que você não está entendendo, Sanguanel. Vejo seus olhos grandes, típicos de um mentiroso. Suas pupilas se dilatam num movimento involuntário. Não tem consciência de que sequestrar crianças, é uma prática de ocultação prejudicial a suas vidas e a dos pais?

Ei, Sanguanel, por que virou de costas pra mim? Até parece que não quer ouvir! Confesso que você é um duende simpático que me conquistou. Todo vermelho. Gosta de dar mel para as pessoas. Não judia das crianças, parece inocente. Mas... não deixa de ser um farsante, lo-roteiro e manipulador! Você ilude. Quanto mais aprofundo meu pensamento, Sanguanel, me convenço que é um mentiroso compulsivo, isto é, mente sem objetivo.

Qual seria o porquê da mentira!? Trata-se de uma doença mental? Uma suposta inteligência para manipular situações a favor de si?

Com o passar dos anos, concluí que “o tempo fala, o tempo mostra” e a maioria das mentiras são descobertas. Nesse contexto lhe falo carinhosamente meu querido Sanguanel. Sim... se tornou querido. Faz suas traquina-gens, sempre sem nenhuma maldade. Vive praticando a mentira “pura”.

Não saia ainda. Espere... tenho mais uma pergunta! Por que escolheu para o seu dia a dia, o prazer de roubar crianças e escondê-las em seu *habitat*, se você não judia delas, pelo contrário até traz mel numa folha e água? Quando voltam para casa estão em estado de sonolência, lembrando muito pouco do que aconteceu, deixando seus pais, como loucos. Isso não o incomoda?

Quebre esse silêncio e me explique.

Parece que ouvi algo...

— Se não fosse assim, eu viveria na solidão. Nada é melhor do que estar sempre com elas. Só agindo assim, sou feliz.

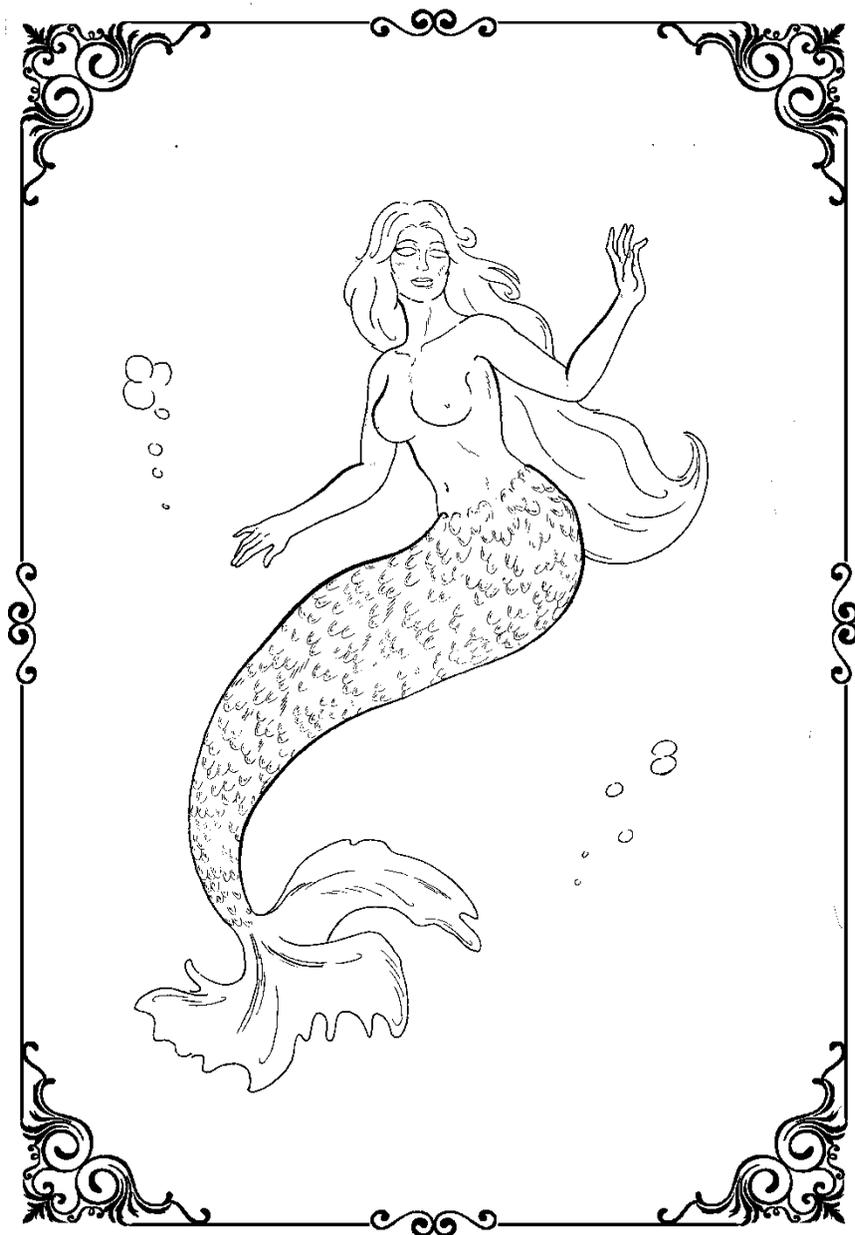
Sanguanel, sua resposta foi positivamente além das minhas expectativas. Essa sua existência pautada na mentira “pura”, me trouxe uma importante reflexão: quantos Sanguanéis existem por aí! Procuram a felicidade, roubando a verdade. Enganam e enganam-se. Desprezam a autenticidade, transformando o palco da vida real num teatro. Se esquecem que vivem sob os olhares da plateia que abomina suas posturas.

Sanguanel... Quer saber? Entendi sua “pura” mentira.

Minha oficina da mente, minha CP “cabeça pensante”, apreendeu algo mais sobre verdade... mentira... neste espaço de tempo com você.

Até...

Cida Moreira
Sereia



Sereia ou sirena é uma figura da mitologia, presente em lendas que serviram para personificar aspectos do mar ou os perigos que ele representa. Quase todos os povos que dependiam do mar, para se alimentar ou sobreviver, tinham alguma representação feminina que enfeitiça os homens até se afogarem. O mito das criaturas híbridas, representadas na mitologia grega, como um ser que continua o corpo de um pássaro e a delicadeza de uma mulher. Ao longo do tempo, transfiguram-se na Idade Média em mulheres metade peixe. É provável que o mito tenha tido origem em relatos da existência de animais com características próximas daqueles que, mais tarde, foram classificados como sirênios.

XANELAI

Eu ainda não tinha contado para meu marido que havia aprendido a nadar. Assim, eu explico, na verdade o fato de eu não saber nadar era motivo de muita gozação da parte dele e, por que não dizer, até motivo para me diminuir. Quando íamos todo domingo ao clube, ele mostrava seu prazer de mergulhar e atravessar toda a piscina nadando para se mostrar. Até nossa filhinha de 9 anos, na piscininha do clube, fazia bonito e pulava logo na água, toda engraçadinha, dando suas braçadas. Na verdade ela já queria nadar na piscina grande, eu é que não deixava de medo.

Só eu fazia feio, vestia meu maiô e sentava para tomar sol no clube e quando ele insistia muito, entrava um pouco na piscina e ficava de pé na água. Sem fazer nada... triste, não?

Eu me sentia diminuída e ele me fazia sentir assim. Então, às ocultas, resolvi pegar aulas de natação. Escondida dele, porque assim, se não conseguisse, não ficaria feio...

Mas, aprendi e queria fazer uma surpresa para ele no próximo verão...

Antes disso, porém, lembro-me que foi no mês de outubro, quando fomos passar um fim de semana no sítio de minha sogra. Dia 7 de outubro era o aniversário de dona Vanda e era sagrado! Ela não admitia que a família não estivesse presente. Claro que tínhamos que passar o

dia com ela. Fomos preparados para o fim de semana, levei de presente a blusa de tricô de linha que eu fizera para ela. Eu tinha muito orgulho dos meus trabalhos em tricô.

Era um dia agradável de primavera, não muito quente... Chegamos e depois dos abraços e dos agrados de minha sogra com a Soninha, o Paulo ficou de papo com o pai e o irmão. Soninha começara a brincar com o celular no sofá e acabara cochilando. É que nós havíamos saído de casa de madrugada e ela estava com sono... Eu saí dar uma volta no sítio que eu gostava muito. Seu limite era o rio que passava nos fundos e que já fora importante pesqueiro.

Como havia chovido muito na véspera, o rio estava bem cheio de uma água não muito limpa. Fiquei sentada numa pedra ali perto, pensando se eu teria coragem de nadar ali. Claro que não, o rio estava cheio, não era limpo e a corrente era perigosa. É que eu só pensara porque estava com mania de nadar, ora!

Então enquanto, com o pensamento longe, contemplava o rio, algo estranho chamou minha atenção. Na margem oposta, alguma coisa como dois braços se movendo na água. Claro que não podia ser, não é? Mas o que seria aquilo? Impressão minha, ou um corpo se batia na água escura?

Fiquei de pé e me aproximei mais da margem, tentando ver melhor. Sim, eram dois braços se debatendo na

água. Se eu fosse voltar para buscar ajuda, a pessoa poderia morrer. Mas...

Me despi e só de roupa de baixo, me joguei no rio. Foi um momento de loucura, mas eu achava que vira uma mulher se afogando!

O cabelo dela ficara preso em um galho de árvore que havia sido levado pela correnteza. Ela lutava, mas não conseguia se soltar.

— Calma, calma – falei. – Já vou soltar seu cabelo...

Mas ela continuava se debatendo e quando seu corpo mudou de posição na tentativa de se soltar, perdi o fôlego. Não era uma mulher, era uma sereia e acabara de me dar uma violenta rabada.

E agora? Eu iria fugir e deixar a sereia ali, com o cabelo preso na galhada? Não!

— Calma – falei de novo. – Estou soltando seu cabelo...

Estava quase conseguindo, o cabelo era muito comprido e se ela ficasse quieta seria mais fácil.

O cabelo era incrivelmente longo e, molhado como estava, parecia esverdeado. Então consegui soltar a última mecha. Ela se contorceu mais uma vez, o longo rabo virando pra lá e pra cá. Depois ficou parada, somente os braços se movendo. Olhou para mim. Tinha o rosto comprido, os olhos enormes de um verde amarelado muito claro e uma boca grande. Disse algo como: Xanelai!...

Virou movendo os braços e debatendo a longa cauda. E seguiu o curso do rio. Para onde iria? Esse rio chega no mar? Voltei com dificuldade para a margem, sentei na pedra tremendo e sem fôlego. Alguém iria acreditar?

Cristiano Ferrari
Ossanha



Ossanha, Oçânhim, Oçãe, Oçãim, Oçanha, Oçanhe, Oçânim, Oçonhe, Ossaim ou Ossanhe é o detentor do axé (força, poder, vitalidade), de que nem mesmo os Orixás podem privar-se. Esse axé encontra-se em folhas e ervas específicas. O nome dessas folhas e o seu emprego é a parte mais secreta do ritual do culto dos orixás, voduns e inquices. O símbolo de Oçânhim é uma haste de ferro de cuja extremidade superior partem sete pontas dirigidas para o alto. A do centro é encimada pela imagem de um pássaro. Oçânhim é o companheiro constante de Ifá. É representado por uma sineta de ferro forjado, terminada por uma haste pontuda enfiada em uma grande semente. A haste é fincada no chão, ao lado do ossum (o assém dos fons) do babalaô. Por sua presença, Oçânhim traz a influência das folhas para as operações da adivinhação. A ele são associados o pilão e instrumento de sete pontas com uma no centro com um pássaro no alto.

NOVO TEMPO

Eu estava lá quando Nanã preocupada foi ter com Ossanha, que depois de uma longa conversa, pediu tempo para que a resposta fosse dada.

Por sete dias e sete noites o orixá refletiu, depois foi se encontrar com Nanã e com os outros orixás. Acompanhei o encontro.

— Antes da minha resposta, digam-me o porquê?!

As diferenças foram deixadas de lado. Todos estavam dispostos a contribuir para o bem comum diante da situação a ser discutida.

— Minha filha, das grandes guerras aos pequenos conflitos nos lares, muitos produzem através de ações e de omissões o pior que têm a oferecer e acabam interferindo na vida dos demais – isso acontece desde os primórdios. Toleramos atrocidades desde quando o espírito da terra tomou a forma de serpente prateada, mas acreditamos na evolução, acreditamos que embora exista muita maldade, o bem sempre vencerá e levará lições aos maus. Acreditamos que um dia todos terão oportunidades para repararem seus erros e de uma forma ou de outra, depois de muitas vidas, inevitavelmente todos evoluirão e passarão a ser bons. Também são muitas as boas ações dos seres humanos, eles têm muito amor para oferecer, no entanto, se expõe menos do que os maus, dando a impressão de que na terra existe mais maldade do que bondade.

— Minha mãe, caros orixás: sou de cura, não de punições. O eixo da evolução foi desviado em Pindorama. É uma doença e precisamos intervir. Matas são cortadas e queimadas, povos nativos estão sendo dizimados por seres malignos, estão tão indefesos que se não fizermos alguma coisa, estaríamos negando o sagrado à vida. É tanta maldade que chegamos no limite. Então, seu pedido será atendido, minha mãe. Meus irmãos, a partir de agora, não existirá mais volta.

Do coração da floresta, Ossanha pôs-se a cantar:

Tudo o que nascer

Que seja para o bem

Que viva e reproduza em harmonia.

Que prospere

Se no interior de alguém

Problemas encontrarem

Ajudem-no a aprender e a reparar

Invadam todos os corpos

Atuem nas mentes e nos corações

Respeitem e preservem os seres

Mas, se por ventura encontrarem maldades

Mensageiros da morte

*Que ofendam a vida, que rejeitem o amor
Se encontrarem seres de destruição
A esses não tenham dó*

*Sejam implacáveis
Tornando-os inférteis
Com locomoções reduzidas
De mentes ainda mais débeis*

*Que não consigam mais nada fazer
Que sejam dependentes daqueles que desprezaram
E que não demorem a perecer*

*Que do mundo sejam ceifados
Que voltem ao barro
Para serem remoldados
Na olaria do bem viver*

Os quatro ventos do coração da mata partiram e espalharam para todas as árvores, arbustos, ervas, folhas e flores as ordens do Orixá, que em prantos cantou por sete dias e sete noites.

Terminado o canto, no exato momento em que os lábios de Ossanha se fecharam, Xangô, que ficou encarregado de ser o guardião dessa decisão, disparou o mais poderoso raio de todos os tempos: toda humanidade, as-

sustada, parou para ouvir e assim que o som do trovão que envolveu toda a terra cessou, a brisa mais deliciosa que se pode imaginar beijou a face de todos os habitantes da terra sob o mando de Yemanjá.

Foi necessário curar a humanidade para que os filhos de Nanã não se destruíssem nem destruíssem tudo o que foi criado para a humanidade.

E assim um novo tempo começou...

Cristina Cacossi
Papai Noel



Papai Noel ou Pai Natal, também conhecido como São Nicolau, Kris Kringle ou Santa Claus, é um personagem lendário originário da cultura cristã ocidental que, acredita-se, traz presentes para as crianças durante a noite na véspera de Natal, de brinquedos e doces ou carvão ou nada, dependendo se são "boas ou más". Ele supostamente consegue isso com a ajuda de elfos natalinos, que fazem os brinquedos em sua oficina, muitas vezes dizem estar no Polo Norte, e renas voadoras que puxam seu trenó pelo ar. O Papai Noel é geralmente descrito como um homem corpulento, alegre, de barba branca, geralmente com óculos, vestindo um casaco vermelho com gola e punhos de pele branca, calças vermelhas, chapéu vermelho com pele branca e cinto e botas de couro preto, carregando uma sacola cheia de presentes para as crianças. Ele é comumente retratado rindo de uma forma que soa como "ho ho ho".

EU E PAPAÍ NOEL NUM NATAL DIFERENTE

- I Numa noite de Natal
 me sentindo encorajada
 escrevi este Cordel
 para gente interessada
 em pensar no que acontece
 nesta data delicada.
- II Encontrei-me com um mito
 pelo mundo, conhecido
 amado pelas crianças
 pelos adultos, querido.
 Eu vou lhes expor agora
 nosso assunto discorrido:
- III Vi um trenó resplandecente
 e dele me aproximei;
 Papai Noel me acenou
 confesso: me emocionei
 — ho, ho, ho – feliz falou.
 Não resisti: o abracei!
- IV Ele foi logo tirando
 totalmente sorridente,
 um pacotinho enfeitado
 do seu saco de presente
 mas eu disse forte e firme:
 — quero um abraço bem quente!

- V — Eu não tenho aqui comigo
esse mimo especial
aquilo que quer ganhar
não pode ser diferente;
algo que seja concreto
num recado me apresente.
- VI Os seus elfos e duendes
com toda aquela beleza
e o trenó com tantas renas
nos encantam com certeza
mas algo irei lhe falar
com toda a minha franqueza:
- VII Vou lhe narrar, bom velhinho,
os fatos que desconhece:
há muito necessitado
que o senhor não favorece
no Natal há gente triste
que soluçando adormece!
- VIII Foi então que de repente
eu disparei a falar
... do faminto, do indigente
que na rua vão morar.
Percebi naquele instante
o seu olho arregalar!

- IX ... da criança emudecida
em seu gemido de dor
vivendo sempre iludida
esperando o seu amor
... de seu pai desempregado
com olhar de sonhador!
- X ... de uma dor que não tem nome
mas só imenso desencanto
... de uma tristeza que agride
e que causa muito espanto
machucando toda hora;
... do olhar profundo e do pranto!
- XI — É... disse: chego nas casas
de crianças com poder;
os presentes que as encantam
ao longo do anoitecer
desencantam as crianças
que choram no amanhecer...
- XII — Alegria temporária
há alguns viabilizo
mas a paz tão necessária
que também eu valorizo
aquela que a alma busca
não sou eu que realizo.

- XVIII Dito isto, acabrunhado,
Papai Noel perguntou:
— como faço meu amigo
pra mudar o que eu sou?
quero a esperança de volta
e me abraçando... chorou!
- XIV Dê presente! É agradável!
Porém, não permita insulto
ao bom Menino Jesus;
não o transforme num vulto
com semblante indistinto
num superamigo-oculto.
- XV Ele chega pobrezinho
e se oferta de presente
vai carregando em seu ombro
os contratempos da gente
também propõe-se a ficar
junto a nós eternamente!
- XVI — Sim, eu preciso entender
do Natal, real sentido
e que o dono desta festa
não pode ser esquecido.
Seja por todos lembrado
quem da Virgem foi nascido!

- XVII — O carinho de Jesus,
forma perfeita de abrigo,
quero muito oferecer!
Ser também mais amigo,
um Natal cheio de luz
para o triste em desabrigo!
- XVIII — Beijar um rosto infeliz
sem perguntar o porquê
procurar ser bom velhinho
mas... parceiro que provê
amar, servir e ouvir mais.
Não apenas um clichê!
- XIX Que assim seja meu querido:
sua bondade se una
ao amor do Bom Menino
nesta época oportuna
entregue na noite mágica
a verdadeira fortuna!
- XX Olhando pra manjedoura
nossa conversa acalente.
Sendo assim Papai Noel
de ninguém será ausente
junto ao Menino Jesus
viva um Natal diferente!

Elenice Amaral Baratella
Apolo e as musas



Apolo é uma das divindades principais da mitologia greco-romana, um dos deuses olímpicos. Filho de Zeus e Leto, e irmão gêmeo de Ártemis, possuía muitos atributos e funções, e possivelmente depois de Zeus foi o deus mais influente e venerado de todos os da Antiguidade clássica. As origens de seu mito são obscuras, mas no tempo de Homero já era de grande importância, sendo um dos mais citados na *Iliada*. Era descrito como o deus da divina distância, que ameaçava ou protegia desde o alto dos céus, sendo identificado como o sol e a luz da verdade. Fazia os homens conscientes de seus pecados e era o agente de sua purificação ritual; presidia sobre as leis da Religião e sobre as constituições das cidades, era o símbolo da inspiração profética e artística, sendo o patrono do mais famoso oráculo da Antiguidade, o Oráculo de Delfos, e líder das musas. Era temido pelos outros deuses e somente seu pai e sua mãe podiam contê-lo. Era o deus da morte súbita, das pragas e doenças, mas também o deus da cura e da proteção contra as forças malignas. Além disso era o deus da Beleza, da Perfeição, da Harmonia, do Equilíbrio e da Razão, o iniciador dos jovens no mundo dos adultos, estava ligado à Natureza, às ervas e aos rebanhos, e era protetor dos pastores, marinheiros e arqueiros.

FELIZ E SONORO ENCONTRO!

Aconteceu em uma certa estação de metrô, enquanto esperava o trem. Um jovem músico tocando violino, e, o esplendor das “Quatro Estações” de Vivaldi integrava o ar do ambiente público. Nem precisava dizer, mas fiquei a admirar e confesso que totalmente encantada me esquecendo de tudo. Coisas da paixão.

Certo estava o poeta T. S. Elliot, ao dizer que quando sentimos a beleza da música, e a ouvimos profundamente, tornamo-nos a música enquanto ela durar, e assim foi e penso que sempre assim será.

Esse encantamento tomou conta do meu dia, e da minha noite. A todo instante me ocorria pensamentos sobre o porquê do meu amor, e minha paixão alucinante pela beleza da boa música. Parece loucura, mas a música me transcende, e pela minha fé, diria que nessas horas Deus aparece...

Ao despertar do encantamento, retomei as atividades do dia, abastecida pela delícia de ter experimentado esse momento sonoro.

Não com espanto, nesta noite, tive um lindo sonho que me trouxe valiosas decifrações acerca do meu questionamento em relação à Música. E assim foi:

O dia entardecia. O sol com sua cor dourada iluminava o meu caminhar. Como sortilégio, vejo vindo ao longe um grupo de vultos, talvez pessoas, e o interessante

era que todos vinham circundados em uma nuvem colorida, e aos poucos se aproximavam de mim.

Em tempo, sentei-me à beira do caminho em um banco, que, como mágica, entoava lindas canções. O grupo se aproximava e reconheci, de acordo com a mitologia grega, vinha à frente Apolo (Deus da Música) e em cortejo as 9 Musas (as Deusas da Música) que eram as filhas de Zeus com Mnemosine (Deusa da Memória).

Aos poucos a música, que vinha do banco onde estava sentada, foi engrandecendo e se inserindo ao canto do grupo festivo que se aproximava.

Eu ali, um tanto assustada, eu me vi criança... De repente meu pai apareceu com minha irmã recém-nascida em seu colo, e cantava feliz acompanhando o cortejo festivo. E essa cena repetia-se com o mesmo grupo, só que dessa vez meu pai trazia ao colo outro irmão recém-nascido. E assim foi mais uma outra vez com outro irmão em seu colo. (Eu tenho 3 irmãos mais novos que eu)

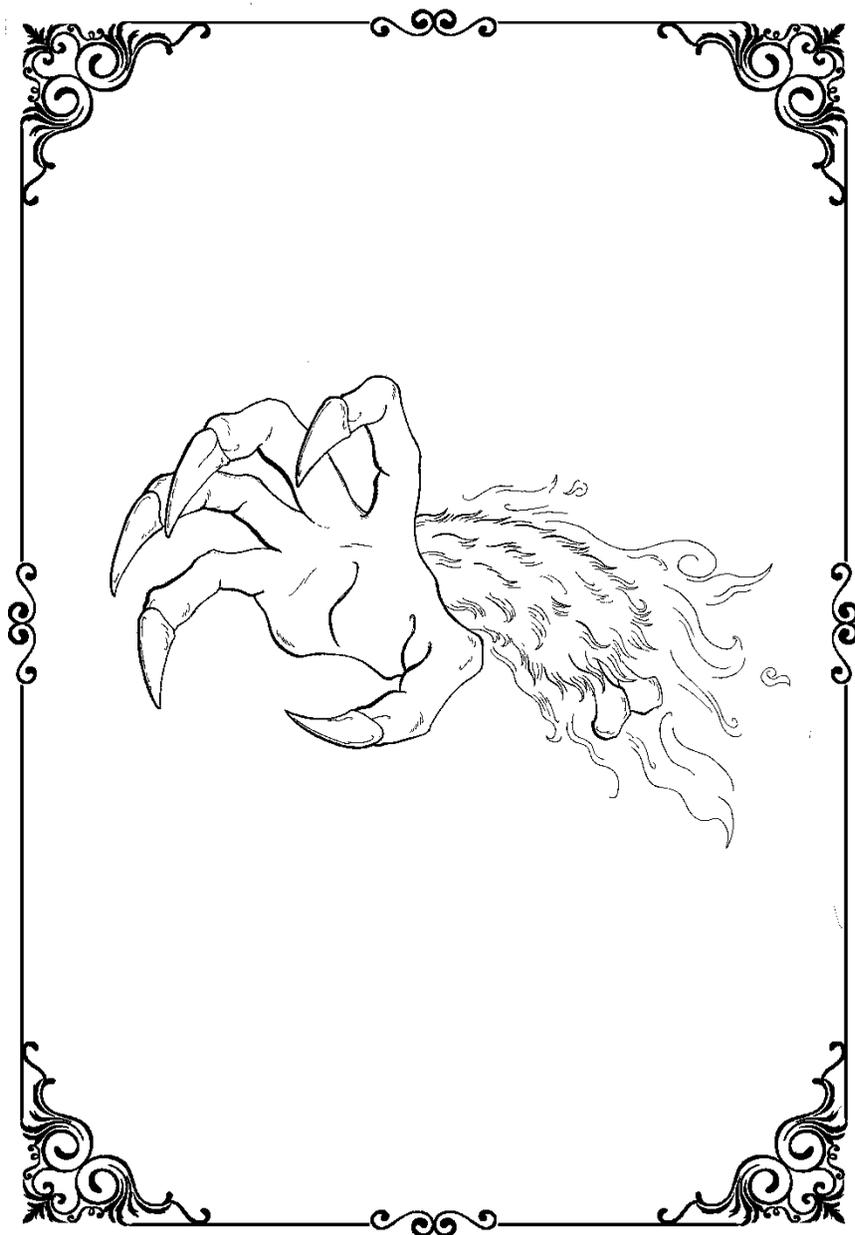
O momento foi de pura magia, um encontro divino com as Musas, Apolo (Deus da Música), meu amado Pai e as lindas canções. E eu ali, contemplando com meu coração inebriado, totalmente seduzida pela música, pelo canto e a presença de todos.

Ao acordar desse maravilhoso sonho memorável, aflorou em mim, a percepção de que o meu ilimitado amor e a minha paixão pela música podem estar associados ao fato de que, desde muito criança, presenciei a alegria de meu pai, quando ao nascer de um filho ele, num

arrebatamento de alegria, colocava músicas em “alegro” de Strauss, Beethoven, Mozart ou outros na vitrola, e nossa casa era tomada pela alegria e o sentimento de amor e gratidão à vida. Talvez, por essa razão tenho a música em minha vida como uma ilimitada e intensa celebração do amor e da vida. Assim, desde sempre me entrego às boas melodias, num ímpeto de exaltação. E tem dias que eu não preciso de palavras... só de Música, pois ela é a linguagem da minha alma!

Gratidão eterna, ao feliz encontro com os deuses da Música!!!

Eliane Reis
Mãozinha Preta



A **Mãozinha Preta**, também conhecida como "Mãozinha-de-Justiça" é uma estranha criatura presente no folclore da região Sudeste do Brasil . Trata-se de uma mão peluda e preta que assombra as pessoas. De acordo com os relatos, ela não possui personalidade definida, pois em alguns casos suas aparições foram úteis. Em outros casos, a mãozinha preta causou transtornos. Não há motivos evidentes para que essa criatura apareça para determinada pessoa ou em determinado lugar. Ela aparece do nada vagando pelo ar, e às vezes pode ajudar em serviços domésticos, executando-os com perfeição e rapidez. Mas quando é ofendida, a mãozinha preta persegue, puxa, belisca e até enforca suas vítimas. De acordo com o folclorólogo Câmara Cascudo, “como a mão é negra, não castigava nem atormentava os escravos. Daí sua popularidade entre eles”.

MÃOZINHA PRETA

No sítio do meu avô
Já era uma tradição
Em noite de lua cheia
Fazer uma grande fogueira
Pra falar de assombração
No breu de uma sexta-feira
Só se via o clarão da lua
O resto, era escuridão!

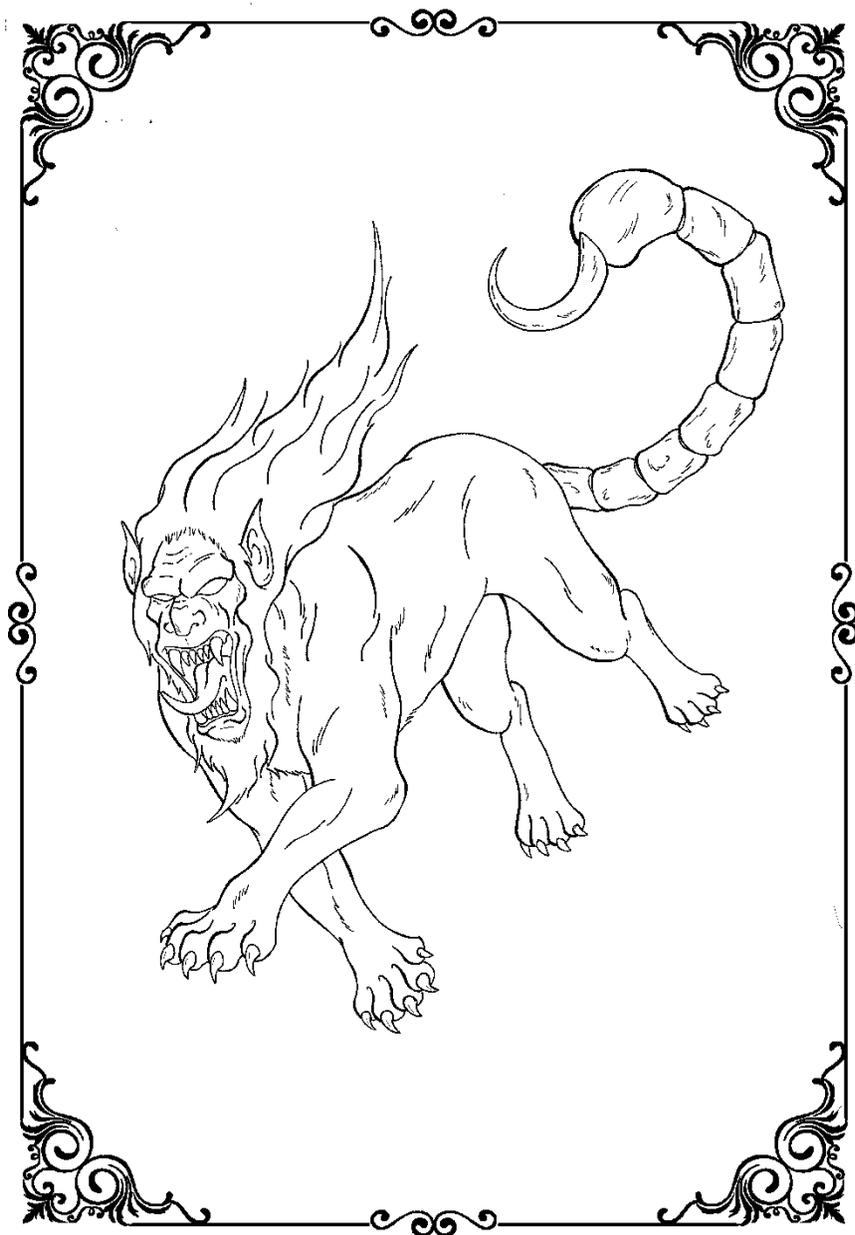
Tio José falava em saci
Lobisomem, Iara e sereia
Corpo-seco, chupa-cabra e cuca
Boto cor-de-rosa, Matinta Pereira
Enquanto falavam da bruxa
E do tal bicho-papão
Eu vi uma mãozinha preta
Com um chicote grandão!

Chibatou a dona Vera
Puxou o cabelo do Tião
Todos saímos correndo
Foi aquela confusão
No meio daquele alvoroço

Alguns se queimaram no fogo
Enquanto a mãozinha sumia
Acenando, na escuridão!

A lenda da mãozinha preta
Diz ser ela uma justiceira
Que, às vezes, tem bom coração
Só surgiu naquela fogueira
Em noite de lua cheia
Pra se vingar do Tião
Por que dona Vera apanhou?
Não me pergunte não!

Fábio Siqueira do Amaral
Mantícora- Martiya Kwar



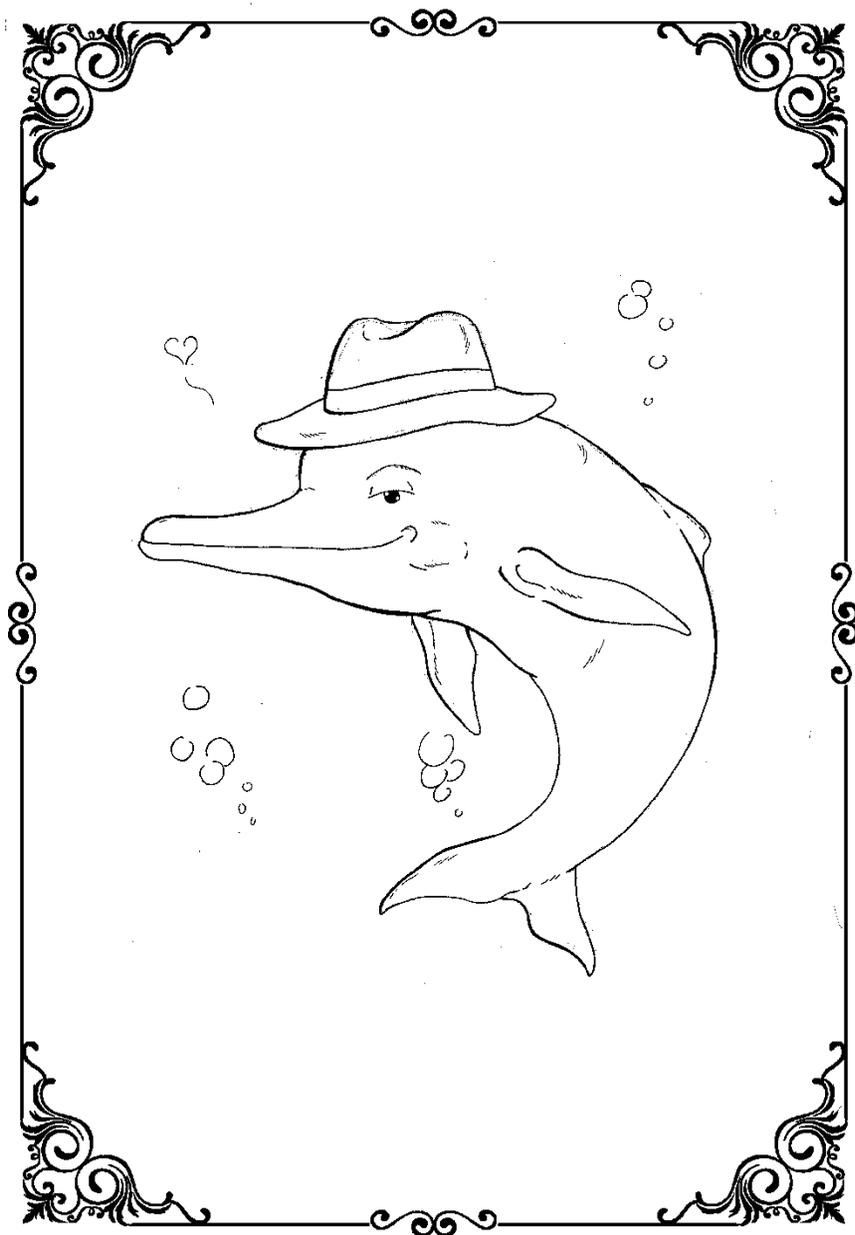
Mantícora é uma criatura mitológica, semelhante às quimeras, com cabeça de homem, três afiadas fileiras de dentes de tubarão e com voz trovejante – e corpo de leão (geralmente, com pelo ruivo), olhos de cores diferentes e cauda de escorpião ou de dragão com a qual pode disparar espinhos venenosos, que matam qualquer ser, exceto o elefante. Em algumas descrições, aparece com asas de dragão ou morcego, variando as descrições, no que diz respeito ao seu tamanho, uma mantícora comum tem 70 metros. Originária da mitologia persa, onde era apresentada como um monstro antropófago, o termo que a identifica tem também origem na língua persa: de *martiya* (homem) e *khvar* (comer). A palavra foi depois usada pelos gregos, na forma *Mantikhoras*, que deu origem ao latim *Mantichora*. Segundo algumas lendas, as mantícoras surgiram quando um rei foi amaldiçoado e se transformou em mantícora. Aparentemente estas criaturas foram inspiradas em tigres. Até hoje, muitas histórias de pessoas desaparecidas na Índia são ligadas às mantícoras. Hoje sabemos que, na verdade, os responsáveis pelos desaparecimentos eram os tigres. A mantícora é famosa por cantarolar baixinho enquanto come sua presa a fim de distraí-la e/ou amedrontá-la.

MARTIYA KHVAR

No auge da fama de valente e intrépido vencedor de criaturas hediondas, pelos idos de 1979, estava a Rússia no final de missão ultrassecreta junto às margens do rio Oka, na cidade de Murom, quando à noite, no meu apartamento de hotel, recebi a ligação internacional em viva-voz do tal Ruhollah Musavi Khomeini cumprimentando-me efusivamente pelo recente sucesso. Sem atinar, talvez por ter o cérebro fatigado, quem poderia ser o dono daquele linguajar enrolado, por pouco não bati o telefone. Fui impedido pelo camareiro que no momento me servia: “Meu senhor, atenda, por favor, é o santo Aiatolá Khomeini, direto do Irã!” E era mesmo! O jato particular ainda naquela noite levou-me direto ao meu interlocutor. Recebi o encargo, igualmente sigiloso, porém extremamente mais perigoso. Deveria tomar o rumo das serras Alborz ou das montanhas Dena, ou Dens Bijan 3 ou Ghashe Mastan e procurar alguma caverna perto da cidade de Susã ou Shushan. O combate seria contra o terrível Martiya (homem) Khvar (comer), que os gregos denominavam Mantikhoras, os latinos Mantichora e no meu idioma Mantícora. Esse monstro surgira após a maldição que haviam lançado num antigo rei, há séculos. Se fosse do gênero comum atingiria 70 metros; se alfa de 84 a 94 metros... Sendo progenitora mediria até mais de 120 metros! Era essa a coisa que iria combater. Contaram-me que tal besta tinha por mania cantarolar baixinho quando devorava sua presa, para distraí-la ou amedrontá-la. Da

vítima não restaria único ossinho, só as vestes. Já haviam sumido mais de cem homens! Marchei para o local mais provável. Sob o luar, escondido, pude presenciar a criatura abocanhando o jovem pastor, arrancando-lhe as roupas, e devorando-o a entoar gentil canção. Monstro feio! Cabeça de homem, corpo de leão coberto de pelos ruivos, três fileiras de dentes afiadíssimos, olhos de cores diferentes, cauda de escorpião a lançarem espinhos de veneno que matam qualquer ser, exceto o elefante. Vi que era o Mantícora alfa e se escondia naquela caverna para passar o dia. Recordei o bíblico profeta Daniel e de como, no ciclo da Babilônia, livrou aquelas paragens de fabuloso dragão. Cozinhei breu, gordura e pelos de carneiros. Com a mistura fiz bolas escorregadias. Ao meio do dia, voltei à toca do monstrengo que dormia com a feroz boca aberta. Meti-lhe goela abaixo as pelotas resvaladiças com auxílio de uma haste de metal. A letarga besta fera engoliu sem vacilar. Acordou e começou a lançar seus espinhos ao vomitar sangue. Um resvalou-me no braço deixando o sinal rubro do toque. Sem mais, o bucho do monstro estourou e grunhindo forte ele morreu. Com novos milhões no bolso, resolvi morar em New York. A alcova dista a poucos quarteirões da Bryan Hills High School. Jornais logo noticiaram sumiços caóticos de meninos, alunos dessa escola. Roupas e mochilas eram encontradas nos arredores. O raspar da fatal seta fora capaz de transmitir a maldição da Mantícora em meu sangue...

Henriette Effenberger
Boto



A lenda do **boto** é uma lenda da Região Norte do Brasil, geralmente contada para justificar a gravidez de uma mulher solteira. Os botos são carnívoros cetáceos que vivem nos rios amazônicos. Dizem que, durante as festas juninas, o boto rosado aparece transformado em um rapaz elegantemente vestido de branco e sempre com um chapéu para cobrir a grande narina que não desaparece do topo de sua cabeça com a transformação. Esse rapaz seduz as moças desacompanhadas, levando-as para o fundo do rio e, em alguns casos, as engravidando. Por essa razão, quando um rapaz desconhecido aparece em uma festa usando chapéu, pede-se que ele o tire para garantir que não seja um boto. Daí deriva o costume de dizer, quando uma mulher tem um filho de um pai desconhecido, que ele é "filho do boto".

DNA

À primeira vista, o andar característico daquele moço bonito já me impressionou. Ao mesmo tempo em que me fazia lembrar alguma coisa muito conhecida, o seu caminhar também não me parecia um problema ortopédico corriqueiro ou sequela de algum acidente. O gingado dele me hipnotizou e, talvez por isso, ele foi chegando mais perto de mim e acabou por sentar-se ao meu lado, embora houvesse várias cadeiras vazias naquela fileira enorme da sala de espera do laboratório.

O danado do moço era simpático e o sorriso sedutor. A elegância ao pedir licença antes de se sentar, me deixou com a orelha em pé e o pé atrás, aliás com “os dois pés atrasados”, como eu costumo dizer.

Do alto dos meus setenta anos e porque a gente não fica mais velha apenas para criar rugas no rosto, pensei: esse cara aí está achando que pode tirar alguma vantagem da velhúscia aqui. Decidi fechar a cara e guardar minha simpatia na bolsa.

Mas o rapaz insistia em se mostrar encantador e puxar prosa. Primeiro me perguntou se eu conhecia bem aquele laboratório e se era confiável. Respondi que sim, que fazia sempre meus exames de rotina naquele lugar. Mas ele não se deu por satisfeito:

— Exames de DNA feitos aqui também são certos?

— Óbvio que são. 99,99% de probabilidades de acerto.

— Fico mais tranquilo, vou precisar desses resultados para me livrar de muitos processos...

– Muitos?

— Sim, dezenas de mulheres atribuem a mim a paternidade de seus filhos...

— A troco de quê uma mulher vai dizer que um filho é seu, se não for? Ainda mais, várias mulheres? Do nada não é! Alguma você aprontou. Não resisti e já o emparedei.

Ele abriu um largo sorriso:

— É uma história antiga, nem te conto! Em outros tempos era mais tranquilo. Eu saía para dar meus bordejos, via uma festinha, uma quadrilha, uma quermesse e pronto: escolhia uma moça bem bonita para namorar, depois sumia no mundo. Nesses tempos modernos a coisa está ficando feia pra mim. Ando tão assustado que nem tenho ido a baladas. Fico nos aplicativos de relacionamentos, na internet. Só saio se der “match” em noites de lua cheia.

Mesmo assim o oficial de justiça até decorou o caminho da minha casa! E pior: eu já decorei o endereço do fórum...

Perdi as contas de quantos processos estou respondendo por assédio sexual. São tantos que me informei e resolvi pedir ao juiz esse exame de DNA para descobrir

se são minhas mesmo essas crianças que as moças dizem ser meus filhos.

— Mas você não sabe se são seus filhos? Nunca se interessou em saber?

— Até agora nunca. Mas se começarem a pipocar pedidos de pensão, vou ter que aprender a equilibrar a bola no nariz e arranjar um emprego na Disneyworld – respondeu com ar zombeteiro. – Não entendi nada...

Depois ficou sério.

— Não sei mesmo. Talvez sejam! Quem sabe, não?

Nesse momento o painel do laboratório chamou a minha senha e a do meu companheiro de banco, e fomos lá para a coleta de material, cada um para a sua respectiva saleta.

Já estava no estacionamento, manobrando meu carro para ir para casa, quando observei o rapaz também entrando pelo portão. Pelo retrovisor percebi que ele não se dirigiu a nenhum automóvel.

Gingando atravessou o pátio e, do nada, com um salto incrível, pulou a mureta e entrou no ribeirão que separa a clínica da avenida principal.

E eu só vi seu chapéu branco flutuando no rio...

João Luiz Servelhere
Bicho-Papão



O **bicho-papão**, bitu, papa-gente, papão, bebepapão, papa-figo, tutu, manjaléu, Coca ou mumuca é um ser imaginário das mitologias infantis portuguesa e brasileira, estando também presente no resto da Península Ibérica, como na Galícia, na Catalunha e nas Astúrias. O bicho-papão é a personificação do medo. É um ser mutante que pode assumir qualquer forma, pode ser um animal, frequentemente de aspecto monstruoso, comedor de crianças, um papa-meninos. Está sempre à espreita e é atraído por crianças desobedientes. O bicho-papão, tal como outros seres míticos como o homem do saco, sarronco ou a coca, é usado pelos pais para assustar e impedir que as crianças desobedeçam. Todas as suas representações estão associadas ao mal que pode ocorrer às crianças caso se afastem ou contrariem os pais.

BICHO-PAPÃO

Quando criança, em noites quentes de verão, meus pais e vizinhos colocavam uma pequena mesa e cadeiras defronte da casa, e, enquanto nós, crianças, brincávamos de *balança-caixão*, *queimada*, *pique-pega*, os adultos ficavam contando estórias da mula-sem-cabeça, cuca, moleque saci, bicho-papão e outras histórias do mesmo gênero.

Mesmo entretidos na brincadeira, vez por outra ficávamos de *orelha em pé*, atentos ao que eles diziam. Davam tanta ênfase como se aquilo fosse de verdade ou tivesse acontecido de fato.

Tinha tanto medo do bicho-papão e minha mãe sabia usar essa tradição para controlar meus ímpetos, hoje reconheço isso.

Certa vez, (devia ter uns quatro anos), matei um passarinho com estilingue – coisa de moleque – e minha mãe olhou-me no fundo dos olhos, como ela bem sabia fazer e disse categoricamente: o bicho-papão e este passarinho que você matou vêm esta noite te pegar por praticar maldade.

Lembro de ter sentido um enorme pavor e pedi pelo amor de Deus ao anjo da guarda que me protegesse. Sem que dele ouvisse uma resposta satisfatória pensei: vou enterrar esse bicho!

Peguei o passarinho, fiz um buraco bem fundo no terreiro de casa, coloquei-o lá dentro e soquei a terra o quanto pude.

Chegando a hora de ir para a cama eu não queria dormir, mas tinha que ir, simplesmente porque todos o faziam.

Ao me deitar tremia dos pés à cabeça e cobri-me todo até que, enregelado, senti um puxar de cobertas, e ali estava ele em carne e osso (em espírito e osso, talvez).

Amarelei e suei, enquanto ele se pôs a dizer:

— Não tenha medo, garoto, não sou mal como dizem e posso me colocar em seu lugar, pois, sou um *filhote-papão*. Meus pais me ensinaram que amedrontar em sonhos é igualmente maldoso. Na verdade, o que queremos é transmitir bons ensinamentos e dirimir aquilo que os adultos não conseguem ensinar por palavras e usam essa artimanha.

— Agora que tal me acompanhar à cozinha e comeremos um lanchinho? Afinal, não posso fugir à tradição e assim conversamos mais.

— Sim, venha comigo, *filhote-papão*, tenho boas guloseimas, garanto ser melhor que comer crianças maldosas, que pode até causar indigestão, não?

— Sim, por certo, vamos!

Ao amanhecer, fui ver se o passarinho estava enterrado e não o vi.

Até hoje, quando me lembro disso, se foi imaginação ou não, não posso garantir, mas tirei bons ensinamentos sobre o fato.

Reconheço que as histórias e lendas do bicho-papão e muitas outras impactaram no meu modo de pensar e de me comportar. Talvez seja por isso que resolvi ir mais a fundo nas origens, lendo Monteiro Lobato e muitas outras histórias, em uma biblioteca do bairro onde residia.

O que descobri é que essas lendas eram universais. E, segundo a tradição popular, o bicho-papão esconde-se no quarto das crianças mal-educadas, nos armários, nas gavetas e debaixo da cama para assustá-las no meio da noite.

Outro tipo de bicho-papão surge nas noites sem luar e coloca as crianças mentirosas em um saco pra fazer sabão. Quando uma criança "faz algo errado, ela deve pedir desculpas, caso contrário, receberá uma visita do monstro."

Foi dessa forma que venci o medo do bicho-papão.

Mas, ainda tenho medo do desconhecido.

Que coisa, não?!...

Joarez de Oliveira Preto
Sereia



As **sereias** são criaturas que habitam o imaginário humano desde a antiguidade. Seu nome é de origem grega e significa meio mulher, meio peixe ou pássaro, segundo alguns escritos antigos, os quais associavam a mulher-pássaro à morte, muito comum em sepulcros como estátuas. Com o tempo o pássaro foi substituído por peixe, assim como suas asas por caudas. Especula-se que esse mito surgiu em relatos de animais com características comuns aos sirênios, mamíferos marinhos como os peixes-boi. Segundo a mitologia grega, as sereias viviam numa ilha do Mediterrâneo e seduziam os marinheiros com seu canto, levando-os ao naufrágio. Seus pais são o deus dos rios Aqueloo com a musa Melpômene ou de Terpsícore. Alguns afirmavam que elas podiam prever o futuro, como na Odisseia, que representou e ajudou a eternizar essa lenda.

Fonte: <https://www.henrimar.com.br/a-origem-do-mito-das-sereias>

O MARUJO E A SEREIA

Era fim de tarde, quando a maré estava alta e de um navio ancorado com as velas arriadas já haviam descarregado toda a carga que trazia. Logo após armazenarem a mercadoria nos estaleiros do comerciante importador, os homens retornaram ao navio para seguir viagem.

Eu, marujo retardatário, tendo ficado para trás, ao retornar para o navio no meu barco, notei a presença de um grande peixe imóvel na areia. Ao aproximar-me, curioso, fiquei surpreso com o que ali estava: não era um peixe e sim uma sereia! Os cabelos dela eram longos, azuis, o rosto lindo, pálido, mas estava se mexendo lentamente.

Quando me aproximei, notei que ela ainda estava viva. Compadeci-me dela e então a levei para dentro do mar. Assim que ficou coberta pelas águas, ela se reanimou, sorriu para mim e soltou a bela voz.

Encantado pela melodia, embevecido pela beleza do canto e do rosto dela, de sua imagem que, com os braços levantados e sorrindo graciosamente, acenava com as duas mãos, convidando-me para que a acompanhasse, sem me dar conta da distância e da profundidade daquele local, fui nadando, talvez hipnotizado, até submergir.

Após algum tempo imerso nas profundezas imaginei que, mesmo sem a minha presença, o navio já tivesse levantado âncoras e retornado para o alto-mar, seguindo seu destino. Lembrei do velho capitão... Ele nos dizia que, nas noites de lua cheia, quando o clarão se refletia

nas águas, ouvia-se o canto de uma sereia bem próximo do navio. Por isso foi proibido aos seus marinheiros, e eventuais tripulantes, ficarem no alto da popa observando a sereia que cantava e acenava, convidando-os para segui-la.

Os marinheiros mais antigos contavam essa história com a intenção de prevenir os jovens marujos do perigo que há em ouvir e ceder ao convite das sereias do mar, e das praias...

Mas quem as encontra, como eu encontrei, não consegue resistir ao chamado!

Laura Lanford
Baku



Baku (ばく) é uma criatura do folclore japonês. Quando o mundo foi criado, após a invenção de todos os animais, o Baku foi composto com as partes que sobraram dos outros animais: ele tem o corpo de um urso, a cabeça de um elefante, os olhos de um rinoceronte, a cauda de um boi e as pernas de um tigre. Ele vive nas profundezas das florestas, gosta de se alimentar dos maus sonhos das pessoas e é considerado um símbolo auspicioso de proteção, pois os maus espíritos têm medo dele, por isso acredita-se que o Baku traz saúde e boa sorte por onde quer que passe.

O COMEDOR DE SONHOS

De uns tempos para cá, não sei ao certo quando foi que isso começou, mas foi de repente, e demorei alguns dias para perceber...

Não tenho mais sonhos.

Deito para dormir exausta, ou então, deito-me sem sono, e depois de muito custo chego ao repouso, mas ao acordar, tenho uma sensação de vazio. Não lembro do que sonhei, não sei nem se cheguei a sonhar.

Será que isso é uma coisa da vida adulta? Enquanto somos crianças, temos uma imaginação tão vasta e sonhos tão vívidos, as coisas que sonhamos parecem reais e palpáveis. Sinto saudade desse tempo.

Vivo apenas os dias agora, pois de noite, é como num piscar de olhos, de repente acordo, e algumas vezes nem parece que dormi, de tão rápido que a noite passa.

Esta noite, estava tão cansada que, depois de deitar, sinto até um leve embalo. A cama parece tão fofinha, macia, é como se eu estivesse dormindo em cima de um cobertor bem felpudo.

Para um lado e para o outro, vai e volta. Esse embalo é tão... estranho, será tontura? Labirintite?

Abro os olhos e me vejo num local nublado. Demora alguns segundos para processar a informação de que não estou em casa. Passo as mãos no que está embaixo de mim, é macio sim, quente, da cor azul, ao pegar um punhado desses finos fios de cabelo na minha mão, sou surpreendida.

"Aaai!"

Que susto! Está vivo?! Estou em cima de alguma coisa muito grande, é como se fosse um chefe de *Shadow of the Colossus*, de tão grande que é – estou nas costas de alguma coisa que está andando, por isso o embalo para um lado e para o outro.

"Não precisa me dar um beliscão, eu só quero te ajudar."

"O que... o que é você?" Tento olhar para os lados, mas não consigo ter alguma visão da criatura.

"É difícil de explicar o que eu sou, mas tenho me alimentado dos seus sonhos, é por isso que você acorda e não lembra de nada, porque eu comi tudo e não há nada para se lembrar."

"Você disse que quer me ajudar, como assim?" Torno-me a deitar sobre as costas desse bicho gigante, além de ser confortável, não quero machucá-lo.

"Pode não parecer, mas estou te protegendo. Quando foi a última vez que você teve um pesadelo?"

Penso profundamente na questão que me foi apresentada, fecho os olhos, penso, penso, mas não consigo me lembrar de algum pesadelo recentemente, só tenho memória de quando eu era muito nova, criança ainda.

Abro os olhos de novo. Ouço pássaros. A luz do Sol passa pelas frestas da janela. Já é dia. Estou deitada na minha cama.

Com o que foi que eu sonhei hoje?

Leonilda Yvonneti Spina
Pisadeira



A **Pisadeira** geralmente é descrita como uma mulher muito magra, com dedos compridos e secos, unhas enormes, sujas e amareladas. Tem as pernas curtas, cabelo desganhado, nariz enorme com muitos pelos, como um gavião. Os olhos são vermelho-fogo, malignos e arregalados. O queixo é revirado para cima e a boca sempre escancarada, com dentes esverdeados e à mostra. Nunca ri, gargalha. Uma gargalhada estridente e horripilante. Vive pelos telhados, sempre à espreita. Quando uma pessoa janta e vai dormir com o estômago cheio, deitando-se de barriga para cima, a pisadeira entra em ação. Ela desce de seu esconderijo e senta-se ou pisa fortemente sobre o peito da vítima que entra em um estado letárgico, consciente do que ocorre ao seu redor, porém fica indefesa e incapaz de qualquer reação.

ENCONTRO COM A PISADEIRA

Quando desfrutava as férias de verão em Bragança Paulista, minha Terra Natal, senti vontade de ir ao bairro do Matadouro, para rever a casa onde morávamos na prazerosa infância.

No quintal, bem grande, ainda havia o rancho com espaço para a charrete e as cocheiras dos cavalos.

Chamou-me a atenção a presença de uma criatura estranha sentada sobre o telhado. Era uma velha muito feia, magra, cabelos desgrenhados, queixo revirado para cima, nariz adunco, enorme, pernas curtas, usando chinelos, pés magros, unhas longas, em forma de garras.

Perguntei-lhe o que estava fazendo ali no telhado e ela, com olhos arregalados, voz estridente, horrível, respondeu-me:

— Eu sou a “Pisadeira”. Estou descansando um pouco, porque há muitos anos, uma menina me deu uma tarefa muito difícil, quando eu estava espreitando no telhado da casa, para ver se iria pisar no peito dela, se estivesse dormindo de barriga para cima.

Mas ela fez uma oração e me mandou contar todas as folhas que havia nas árvores e toda a areia do mar. Então eu venho contando durante todo esse tempo e ainda não acabei, para poder ficar sossegada.

Criando coragem, interroguei-a:

— A senhora não sabe fazer outra coisa na vida?

Com voz horripilante, respondeu-me:

— Minha sina é colocar medo nas pessoas. Como agora me sinto muito cansada, resolvi não perturbar mais as crianças, porque me dão tarefas muito difíceis de cumprir. Decidi que agora só irei pisar no peito das pessoas adultas, que comem e bebem exageradamente, e em seguida vão dormir com a barriga para cima.

Então, lhe disse:

— Isso mesmo, dona “Pisadeira”, deixe as crianças dormirem em paz!

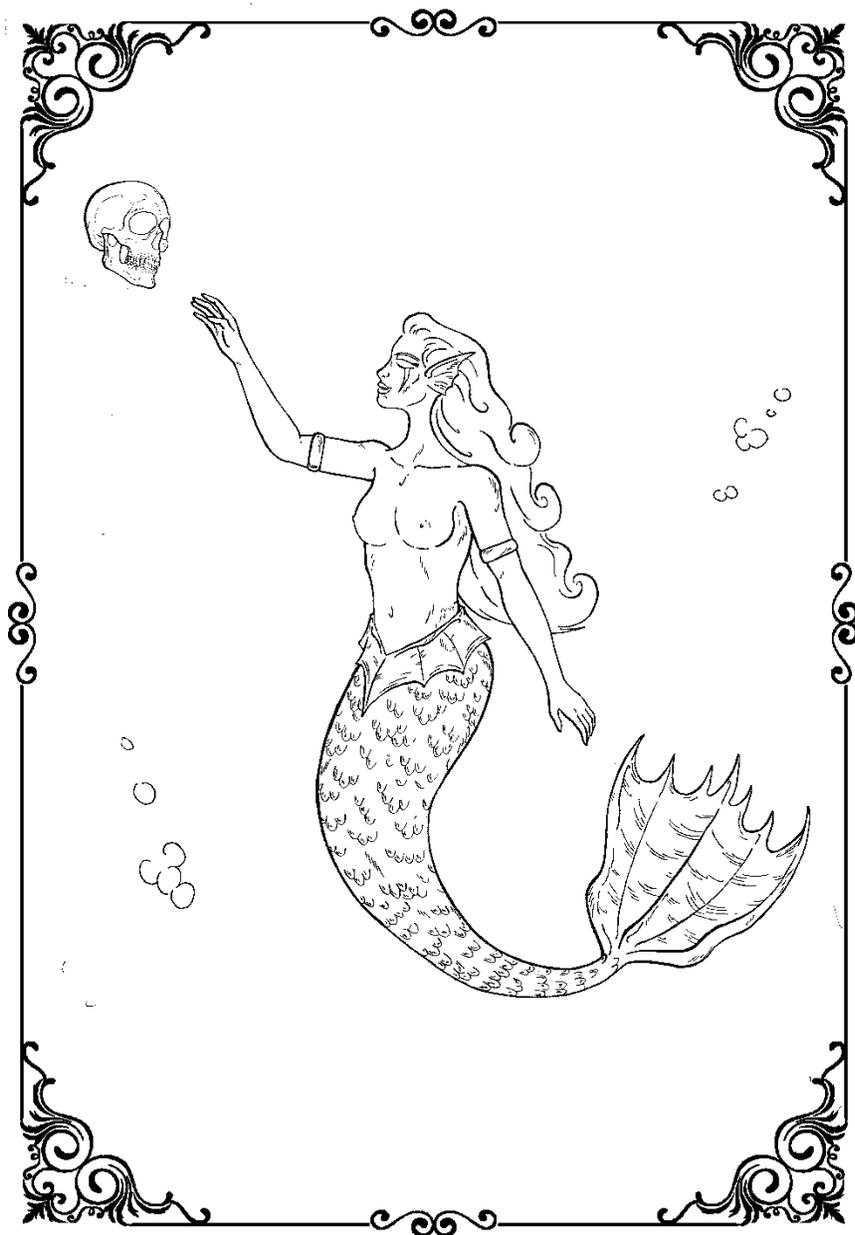
Tomei coragem e lhe revelei:

— Como a senhora está sendo boazinha e se encontra bem cansada, não precisa mais contar todas as folhas das árvores e a areia do mar... Eu sou aquela menina que, há muitos anos, fez a oração e lhe deu aquela tarefa.

Mas, por cautela, acrescentei:

— Agora, pode contar só as conchinhas da praia...

Lóla Prata
Uiara/Yara



Uiara/Yara. Na lenda indígena, conta-se que a Iara era a filha de um pajé e era bastante famosa por ser uma exímia guerreira. As qualidades de Iara despertavam a inveja alheia, fazendo com que ela fosse vítima de seus irmãos, que se uniram para matá-la. Durante a emboscada, Iara resistiu e, na luta, matou todos os seus irmãos. Em seguida, ela fugiu, temendo que seu pai reagisse mal ao que tinha acontecido. O pai dela a encontrou e decidiu castigá-la, lançando-a no local de encontro dos rios Negro e Solimões. Ela, então, foi salva pelos peixes, assumindo a sua forma como é conhecida, parte peixe, parte mulher. No idioma tupi, o termo “Iara” significa “senhora das águas”.

Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/folclore/iara.htm>

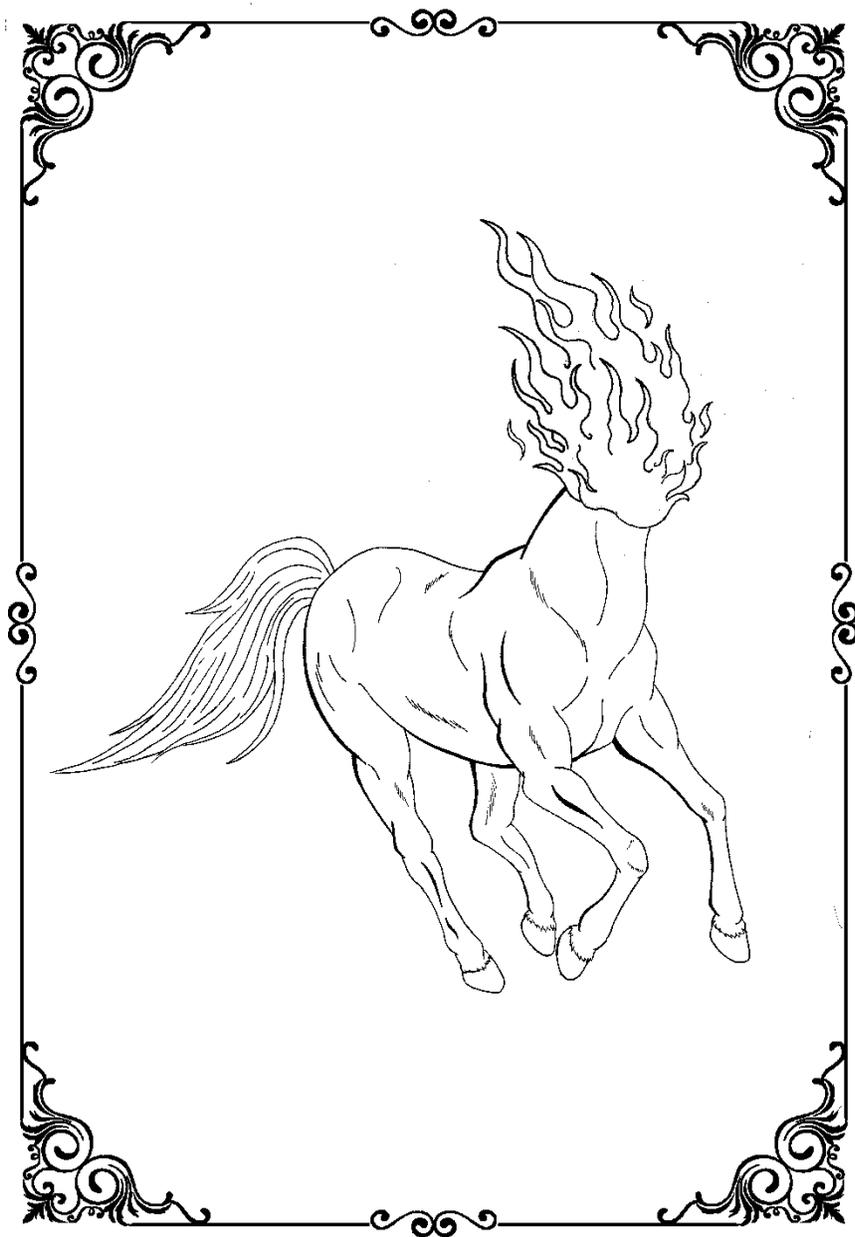
DE MULHER PARA MEIA-MULHER

Bom dia, dona Iara. Como vai essa beleza? Estive escondida por algum tempo entre o arvoredo, olhando-a, admirando tanta sensualidade e suavidade de seu mavioso canto à aproximação da rapaziada. Desculpe aí, sou psicóloga, e você é um (literalmente) profundo caso para estudo. Para referência científica, psicologia é o estudo da alma e das reações humanas em sociedade e em particular. Percebi que você não é totalmente humana, mas sim a personificação de uma meia-fêmea raivosa que não controla os fortes instintos assassinos. Tal constatação de metade escamosa, sem pernas à mostra, mas expondo a parte do corpo feminino mais atraente, perturbou minha avaliação. Como manter os seios tão firmes, diante da força da gravidade? Deve ser por deixá-los flutuar umas horas por dia, na correnteza! Esse segredo podia lhe render muito dinheiro, uma plástica natural. Sem querer ofendê-la por sua agressividade, percebi advir de seu trauma na puberdade e consequente formação de um caráter vingativo, figurado na morte por afogamento dos machos. Soube do seu trauma através de pesquisas e tradição oral (fofocas) com indígenas que teriam convivido com sua família ciumenta. Fui bem recebida por seus conhecidos na taba. Serviram-me tucunaré cozido, peixe-boi frito, peixe sem identificação com mandioca, isca de pirarucu, aruanã, caparari, surubim, dourada, jaú, piraíba, jatuarana e matrinxã, jurupoca, piranha, pirapitinga, pirarara, tambaqui, traíra e trairão. Guarde segredo, não conte nadinha aos seus

amiguinhos de guelras, não sei se eles são de vendeta e de veneta, ou se vão querer me comer; tenho medo.

Bem, continuemos! Você faz visual moderno com os cachos esverdeados. Imagino que não se integre aos patriotas acampados amarelo-esverdeados que, levantados, chegaram e quebraram os objetos dos 3 poderes em Brasília. Os prédios que simbolizam a democracia continuaram de pé, majestosos, felizmente. Abomino a hipótese de sua ida; você não teria condições de ir do Amazonas ao Distrito Federal; seu rabo de sereia precisa ficar dentro de elemento líquido. Ainda bem, porque o Lago Paranoá iria assorear se afundasse os mais de mil manés, piorando a catástrofe. Ah, só de confiança, meus cabelos brancos amarelaram, não politicamente, mas sob o sol e o cloro da piscina... estão horríveis. Você deveria ser consultora de beleza, receitando cosméticos à base de hidratantes, dona Iara! Assim, abandonaria esse trágico afã de aplicar “caldo mortal” nos ingênuos admiradores. Para com essa cantoria, por favor, e escute uma última palavrinha: comunico que a comunidade masculina está em processo de extinção; então, não é para continuar matando ou ferindo os nossos complementares. Protesto! Nós, mulheres completas, precisamos desse espécime. São úteis. Não vou falar de trocar pneus porque a senhorita desconheceria o sarcasmo. Eles têm necessidade de refrescar as mentes e corpos em qualquer poça aquática que queiram; em açudes, lagos, lagoas, ribeirões, rios e represas. Quanto a essa reivindicação, há planos de extrema segurança, portanto, dona Iara, seu poder está com os dias contados! Não diga que não a avisei!

Lyrss Cabral Buoso
Mula sem cabeça



Mula sem cabeça é a forma que toma a concubina do sacerdote. Transforma-se em um forte animal, de identificação controvertida na tradição oral, e galopa, assombrando quem encontra. Lança chispas de fogo pelo buraco de sua cabeça. Suas patas são como calçadas com ferro. A violência do galope e a estridência do relincho são ouvidas ao longe. Às vezes soluça como uma criatura humana. O encanto desaparecerá quando alguém tiver a coragem de arrancar-lhe da cabeça o freio de ferro ou se alguém tirar uma gota de sangue com uma madeira não usada.

SERIA A MULA SEM CABEÇA?

Na minha infância frequentava o sítio do meu avô. Na maioria das casas se utilizava lampiões à querosene. Vizinhos próximos eram poucos. Dentre eles, havia uma senhora de quem a minha mãe gostava muito. Virava e mexia, lá íamos nós para a casa da dona Cida. Depois de muita prosa, à beira do fogão de lenha, ela nos contava histórias de assombração e preparava deliciosos bolinhos de chuva e coava café. Na mesma época, conheci Lurdes. Frequentava nossa casa para ajudar nos trabalhos domésticos. Certa vez, a vi folheando um livro de catecismo e perguntei-lhe se queria emprestado. Encabulada, contou que mal sabia ler, nem tinha feito a Primeira Comunhão. Propus-me a ajudá-la. Naquele final de semana, Lurdes foi conosco à Missa. O celebrante não foi, o velho sacerdote que há anos cuidava da Igreja do bairro. Em seu lugar estava um jovem padre, que entrou pela porta cantando para surpresa de todos. Lurdes parecia extasiada e passou a missa concentrada no padre. Na saída, feliz, disse que viria a todas as missas. Lurdes praticava leitura e estudava o catecismo no final das tardes. A cada dia melhorava mais e logo fez sua Primeira Comunhão. A partir daí, Lurdes arrumava a igreja para as missas, mantinha o altar limpo, arrumado e sempre florido. Na sacristia, pão, bolo ou fruta para o padre. Sentava-se na primeira fileira e ajudava nas leituras e cantos. Organizava as quermesses e acompanhava o padre nas visitas aos doentes. Onde estava o padre, Lurdes estava. Era tanta devoção à igreja e

ao padre, que logo as más línguas começaram a falar: *“Não acham que a Lurdes está muito oferecida para o padre? Não deixa ninguém chegar perto dele! Só falta ficar junto no confessionário. Coisa mais feia! Dar em cima de um padre, um homem de Deus! Outro dia foi com ele pra cidade, pareciam um casal de namorados. Até batom vermelho passou! Isso é um pecado dos grandes! Vai ver só quando virar uma mula sem cabeça! Será que já não virou? Sei não, compadre Joaquim disse na venda que viu um clarão correndo pelo pasto na noite passada. Cruz Credo! Verdade mesmo. Soube que foi vista uma mula com cabeça de fogo trotando e relinchando alto no sítio do Juvenal. Só podia ser ela!*

Em casa, todos riam dessas crendices. Até que uma noite, acordei com o tropel de cavalo e pela fresta da janela avistei o que pareceu ser uma mula com a cabeça em chamas. Apavorei-me! Percebendo minha presença, a mula bateu os cascos e fugiu, resvalando na cerca de arame farpado. Na manhã seguinte, ainda cismada com o que pensei ter sido um sonho, ouvi Lurdes dizer, aflita, que por descuido chamuscara os cabelos no fogão. Percebi vários arranhões em suas pernas, mas nada comentei.

O falatório sobre a mula se avolumou, chegando aos ouvidos do Bispo. O antigo sacerdote voltou e o jovem padre foi transferido. Lurdes arrumou trabalho na cidade e não a vimos mais. Se de fato era a mula sem cabeça não sei. Tampouco sei dizer se o encanto foi quebrado por alguém que lhe tirou o freio. Só sei que dia desses, no parque da cidade, vi um casal de mãos dadas,

que muito me lembrou Lurdes e Padre Antonio. Ao passar por mim, a mulher sorriu como se me conhecesse. Tinha os cabelos chamuscados. Seria Lurdes, a mula sem cabeça?

Maria Cestari
Orfeu



Orfeu na mitologia grega foi um bardo trácio, lendário músico e profeta. Também era um poeta renomado. Segundo a lenda, viajou com Jasão e os Argonautas em busca do Velocino de Ouro e ainda desceu ao submundo de Hades para recuperar sua esposa perdida, Eurídice. Autores gregos antigos, como Estrabão e Plutarco, observam as origens trácias de Orfeu. As principais histórias sobre ele estão centradas em sua habilidade de encantar todos os seres vivos e até pedras com sua música (a cena usual nos mosaicos de Orfeu), sua tentativa de resgatar sua esposa Eurídice do submundo e sua morte nas mãos das bacantes de Dionísio, ao se cansar de seu luto por sua falecida esposa, Eurídice. Como um arquétipo do cantor inspirado, Orfeu é uma das figuras mais significativas da mitologia clássica na cultura ocidental. Retratado ou aludido em inúmeras formas de arte e cultura popular, incluindo poesia, cinema, ópera, música e pintura. Para os gregos, Orfeu foi o fundador e profeta dos chamados mistérios "órficos". A ele foi creditada a composição dos *Orphic Hymns* e do *Orphic Argonautica*. Santuários contendo supostas relíquias de Orfeu eram considerados oráculos.

ENCONTRO COM ORFEU

*Homenagem póstuma ao meu Mestre de
Mitologia, Professor Doutor Mauro Naves.*

Eu me encanto enquanto conto o meu encontro com
Orfeu!

Filho de Apolo – Deus da Música – e de Calíope – Musa
da Poesia.

Herda o talento para compor e cantar com harmonia!

Orfeu é mito! Herói da estória de amor triste, bela e
infinda da

Mitologia que influencia as Artes, Filosofia, Literatura,
Psicologia.

Traz maior compreensão ao ser humano; faz da busca um
encontro

consigo mesmo e aponta o poder Divino dentro de nós.

Busco um encontro com Orfeu e me encontro no Festival
de Inverno

em Campos do Jordão. No Teatro Cláudio Santoro, as
luzes da plateia

se apagam. Abrem-se as cortinas. No palco, uma
Orquestra de Lira!

Meu coração dispara, prendo a respiração, meu mundo
gira!

Em êxtase e olhar fixo na Lira de nove cordas, deixo cair
lágrimas

de emoção! Ao ouvir seu nome, perco a voz e a plateia delira!

E na originalidade deste encontro, a vida me espera renascer!

Ouço Orfeu cantar a sua última canção! Minha alma transpira!

Os músicos se afastam, a plateia parece enlouquecer. Permaneço sentada. Orfeu reaparece e caminha em minha direção.

Inclina-se, senta-se ao meu lado e toca a minha mão. Sem palavras, narra sua estória enquanto ouço com o coração:

Ganhei uma Lira do meu pai; de minha mãe, linda voz!

A poesia

foi inspiração para compor e cantar canções de amor.

Vivi uma vida de aventuras, num mundo pleno de harmonia!

Ao som da Lira, animais, musas e a natureza entravam em sintonia!

Na maior aventura marítima, fui Argonauta da

Tripulação de Jasão

em busca do velo de ouro. Com eles, atravessei o Mar Egeu.

Num retorno sinuoso, na Ilha das Sereias, salvei a tripulação

do canto mortal das sereias, com a Lira e uma canção.

Conheci a bela Eurípides, vivemos grande paixão!

Nosso romance foi breve e tão lindo quanto infindo!

*Ela dançava. Num repente, foi picada por uma serpente.
Morreu em meu braço e num último abraço, foi para a
escuridão.*

*Entristeci. Sem seu amor, morri um pouco a cada dia!
Pedi a Zeus, meu avô, a sua volta. Sem garantia,
decidi buscá-la no submundo. Entrei pelo grande portão.
Com a Lira de nove cordas, cantei uma canção!*

*O mundo dos mortos se enterneceu! Perséfone se
comoveu!*

*Hades devolveu minha amada com uma condição:
Sair do submundo sem olhar para trás. Caminhamos.
Fui à frente, Eurípides me seguia. Faltavam poucos
passos.*

*Nesse entrelaço, duvidei e desobedeci. Eurípides
desapareceu
na escuridão. Perdi meu grande amor pela segunda vez!
Sobrevivi no Reino de minha mãe, sem alegria e
compaixão.*

*Permaneci desiludido no mundo grego repleto de ilusão!
Segui Dionísio. Em suas festas, as sacerdotisas se
entediavam.*

*Um dia, em frenesi, abafaram o som da Lira com os seus
tambores.*

*Aos poucos, enfraqueci. Jogaram o meu corpo no rio,
desfaleci.*

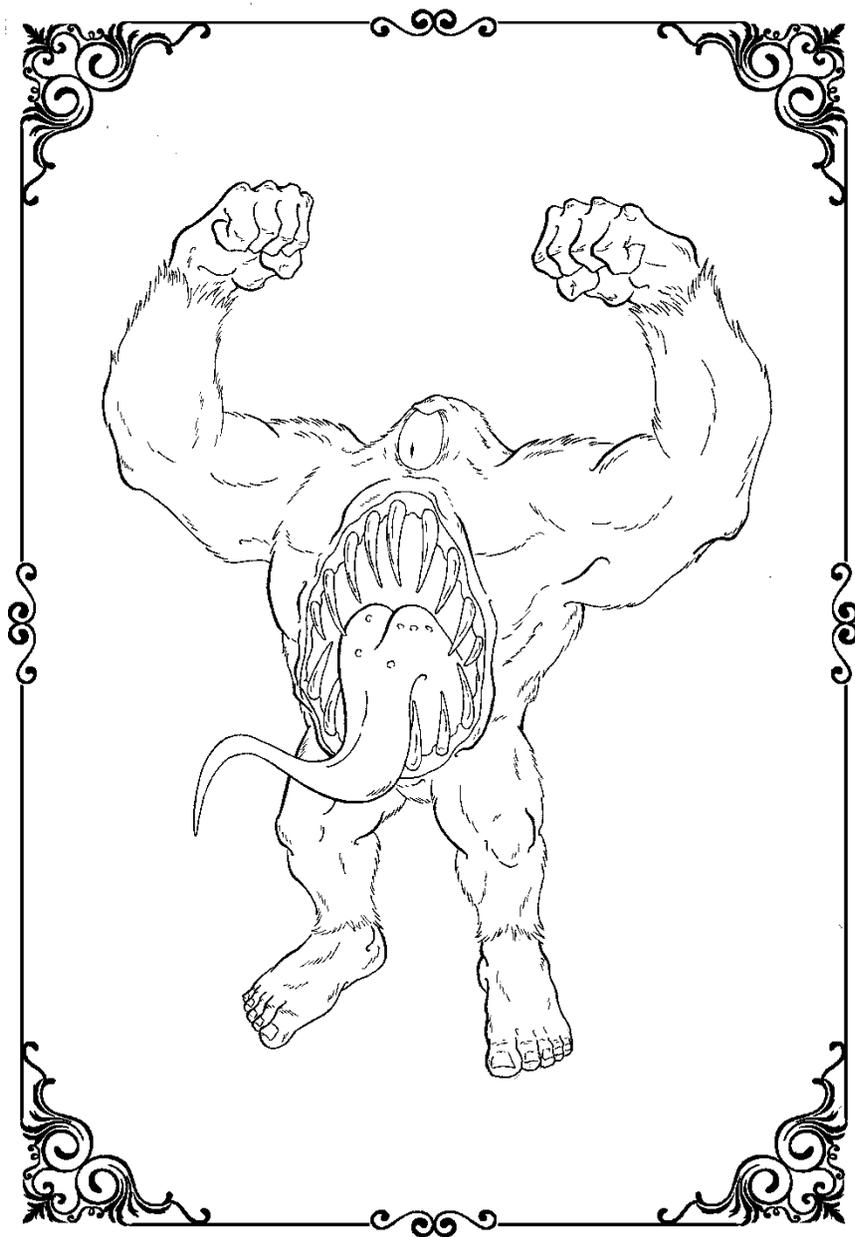
*Transformaram a minha Lira numa constelação!
Voltei ao submundo da escuridão para rever a minha
amada.*

*Caminhei entre flores e alcancei o grande salão!
Entre aplausos dos mortos e repleto de emoção
encontrei Eurípedes! Perséfone e Hades, nos ofereceram
a Ilha dos Abençoados para eternizar nosso romance de
amor.*

Assim, reescrevemos nosso enlace em nível superior.

Silêncio. Orfeu desaparece. No assento, vejo a foto da
ilustração.

Maria de Abreu
Mapinguari



O **Mapinguari** é uma Lenda derivada de algumas *Lendas dos Índios da Região Amazônica*. Os caboclos contam que dentro da floresta vive o Mapinguari, um gigante peludo com um olho na testa e a boca no umbigo. Para uns, ele é realmente coberto de pelos, porém usa uma armadura feita do casco da tartaruga, para outros, a sua pele é igual ao couro de jacaré. O Mapinguari emite gritos semelhantes ao grito dado pelos caçadores. Se alguém responder, ele logo vai ao encontro do desavisado, que acaba perdendo a vida. A criatura é selvagem e não teme nem caçador, porque é capaz de dilatar o aço quando sopra no cano da espingarda. Há quem diga que o Mapinguari só anda pelas florestas de dia, guardando a noite para dormir. Quando anda pela mata, vai gritando, quebrando galhos e derrubando árvores, deixando um rastro de destruição. Outros contam que ele só aparece nos dias santos ou feriados. Dizem que ele só foge quando vê um bicho-preguiça.

MAPINGUARI: UM ENCONTRO FATAL

Escolhi o feriado da Padroeira do Brasil para fazer uma das coisas de que mais gostava: procurar orquídeas na floresta amazônica.

A *Cattleya Eldorado*, planta lindíssima, era fácil de ser encontrada nas matas próximas ao Rio Negro. Fui entrando com cuidado na floresta, deixando sinais para que pudesse retornar com segurança.

Poucos raios de sol penetravam entre as ramagens, o ar abafado e úmido criava uma estufa natural muito propícia à existência das orquídeas (criptídeos). Cantos de pássaros e outros ruídos inundavam de vida o espaço selvagem, enquanto meus olhos examinavam com interesse e atenção os locais onde poderia encontrar o que buscava.

Estranhei, no entanto, um som que, repentinamente, ecoou nas proximidades. Apurei os ouvidos, mas um calafrio tomou meu corpo ao avistar um ser nunca antes visto, que vinha ao meu encontro meio cambaleante. Não consegui me mover, nem gritar, a garganta tão paralisada quanto minhas pernas.

A criatura tinha um único olho no meio da cabeça e onde seria o ventre uma bocarra se abria mostrando dentes pontiagudos. Aproximava-se com rapidez, o corpo desengonçado coberto de longos pelos meio sujos de lama.

Mentalmente eu gritava: Mapinguari! Mapinguari!

Orei: Nossa Senhora, me ajude!

Tive medo.

Um vento suave balançava as verdes ramagens, o cheiro forte da floresta era quase palpável.

Num flash, imagens me passaram rápidas pela mente.

Joana D'Arc na fogueira.

Sócrates condenado a beber cicuta.

Jesus pregado na cruz.

Hiroshima e Nagasaki.

Fechei os olhos, parei de me debater.

Senti um imenso calor quando ele cravou as garras em meu peito e num solavanco arrancou meu coração.

Não senti dor, apenas um intenso sentimento de entrega ao inexorável, como o afogado quando deixa de lutar contra o abraço mortal das águas.

Inspirei o cheiro forte da floresta, enquanto era toda invadida por uma sensação de paz.

Sorri enquanto sentia que morrer não era algo tão ruim.

Fechei os olhos e adormeci sob a copa da sumaúma.

Maria Inês de Oliveira Chiarion Zecchini
Cuca



A **Cuca** é um dos principais seres mitológicos do folclore brasileiro. Ela é conhecida popularmente como uma bruxa que rapta crianças e que pode ter a forma de uma velha ou de uma feiticeira com cabeça de jacaré. A origem desta lenda está na Coca (ou Coco) das lendas ibéricas, tradição que foi trazida para o Brasil possivelmente na época da colonização. No Brasil, a Cuca foi popularizada pelo livro "O Saci" (1921), de Monteiro Lobato, único de toda a obra do escritor em que ela aparece. Lá, a Cuca é descrita como uma "horrenda bruxa" que tem audição muito apurada, é "velha como o tempo", vive em uma caverna na floresta e só dorme uma noite a cada sete anos. Segundo o livro, a Cuca tem "cara de jacaré e garras nos dedos como os gaviões".

ENCONTRO COM A CUCA DA MINHA INFÂNCIA

Nana nenê, que a Cuca vem pegar...

A folclórica cantiga que alguns adultos se ame-drontam só em pensar *na Cuca vindo pegar caso não conseguisse dormir*, a mim sempre foi uma canção que remetia a carinho e aconchego.

Meu pai era quem colocava minha irmã e eu na cama, todas as noites, e cantava para a gente dormir. Talvez por isso *minha* Cuca sempre tenha sido uma figura amigável, que me transmitia a segurança e o amor de meus pais.

Foi ela a escolhida para meu encontro com o ser imaginário, primeiramente porque, esta que lhes escreve, é uma leitora assídua das obras de Monteiro Lobato, especialmente das histórias sobre o Sítio do Picapau Amarelo; e também por gostar demais das peripécias da Cuca, representada na televisão por um jacaré fêmea de cabelos amarelos, com roupas de cores vibrantes e voz estridente e, sempre, ao redor de um imenso caldeirão borbulhante. Para mim nunca foi uma velha feia com características sobrenaturais...

Cuca estava esquecida, num cantinho da minha memória, como lembrança boa. Era aquela cara enorme de jacaré a me olhar com olhos que não me passavam medo, nem parecendo ter dentes afiados. Mas ao escolher minha personagem, percebi comentários ruins ligados à

Cuca e comecei a ficar mais atenta. Resolvi pesquisar sobre ela, saber nos livros de Lobato.

Percebi que a *minha* Cuca era diferente, ia de encontro com as minhas brincadeiras prediletas, o inverso da Cuca dos livros! E, por isso, vou explicar a vocês.

No quintal de minha avó Belmira, eu brincava fazendo comidinhas de misturar matinhos e raízes com pó de café usado e terra num pequeno caldeirão preto, de ferro, com três pés e uma alça, que ficava jogado no canteiro. Talvez na minha pouca idade, não tinha a consciência, mas imitava a Cuca fazendo suas poções num caldeirão igual, só que o dela, muito maior!

Resolvi então, depois de muito pensar, conversar com a *minha Cuca interior* e, investigando num dos livros do mestre Lobato, em que ele descreve muitos personagens do folclore, inclusive a Cuca; descobri, numa conversa entre as personagens do Saci com Pedrinho:

... que o criador de todos os sonhos e pesadelos é o medo; que o medo vem da incerteza. A mãe do medo é a falta de certeza e o pai do medo é o escuro... enquanto houver escuro no mundo haverá medo, disse o Saci, e enquanto houver medo haverá monstros para acreditar.

(LOBATO, Monteiro, O Saci, 1934, pág. 63 – 5.ª Edição)

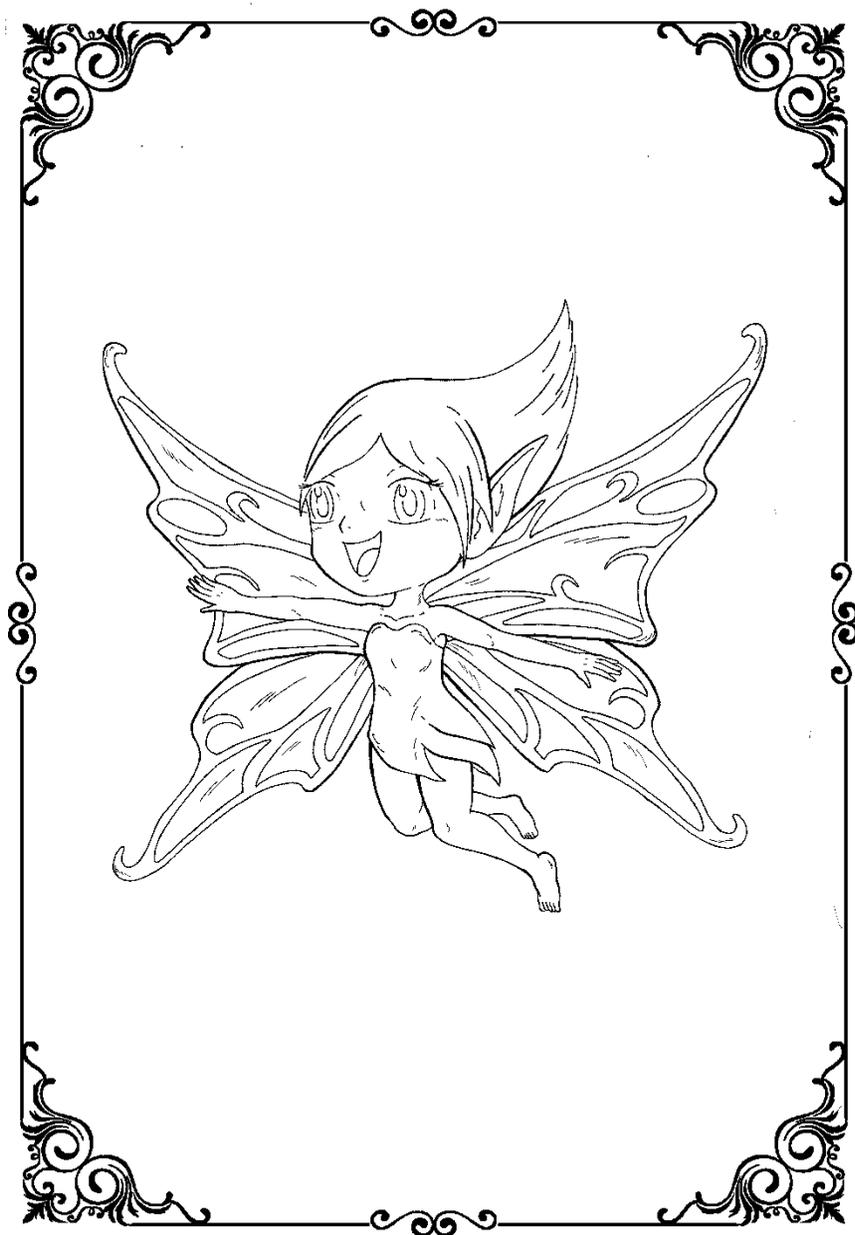
E aí encontrei a resposta para ter criado *minha* Cuca meiga e boazinha!!

Foi pela certeza de que, mesmo pequena, não tinha o que temer. Nunca, na hora de dormir, o escuro total acontecia; sempre, um pequeno feixe de luz, de um abajur, ficava aceso no corredor; o que foi bom, para não criar uma Cuca feia e má no meu imaginário infantil, mas adolescente e adulta, não ficar no escuro foi transtorno em alguns momentos, mas é assunto para outra história.

E nesse encontro com a Cuca da minha infância, descobri mais encantos do meu autor favorito que já sinalizava, para quem soubesse entender, que o que faz a Cuca ser má ou boa é o medo, e ele cria monstros.

Valeu muito pelo encontro, Cuca!! Até breve!

Marialini Bertolini
Fada



A **fada** é um ser mitológico, característico dos mitos célticos e germânicos. O primeiro autor que mencionou as fadas foi Pompônio Mela, um geógrafo que viveu durante o século I d.C. As fadas não são o feminino dos elfos. O termo incorporou-se à cultura ocidental a partir dos assim chamados "contos de fadas". Nesse tipo de história, a fada é representada de forma semelhante à versão clássica dos elfos de J. R. R. Tolkien, porém, muitas vezes, apresentando asas de libélula nas costas e utilizando-se de uma "varinha de condão" para realizar encantamentos. Dependendo da obra em que aparece, a fada pode ser retratada em estatura de uma mulher normal ou diminuta. No primeiro caso, temos a fada de Cinderela. Como exemplo da segunda representação podemos citar "Sininho", do clássico infantil "Peter Pan", de J. M. Barrie.

QUANDO ME ENCONTREI COM UMA FADA

Tudo que vou contar aconteceu há um bom tempo... Eu devia ter 17 ou 18 anos, e meus pais resolveram passar o final de semana no sítio de uma prima aqui em Bragança Paulista, cidade para onde, anos depois nos mudamos, e moramos até hoje.

Era um sítio lindo, com uma casa grande e acolhedora. No entorno havia a piscina, jardins, pomar e até mesmo uma pequena área de mata nativa. Para nós, um pedacinho do Paraíso... Nossos parentes nos receberam alegremente e depois de um farto almoço, as crianças foram brincar e os adultos resolveram jogar buraco. Eu andava meio melancólica e não quis jogar, então peguei um livro, saí da casa e fui atraída para o pomar.

Logo avistei uma imponente jabuticabeira, com um tronco forte e imensa sombra; amo árvores frondosas e com carinho passei a mão pelo seu tronco; depois me acomodei a fim de ler. Estava lendo há uns 15 minutos quando, não sei bem como – acho que ainda estava cansada da viagem – adormeci...

De repente vi meu corpo lá, relaxado, com o livro caído em meu colo, e meio sem entender o que acontecia olhei com atenção para a jabuticabeira, e foi quando a vi: etérea e sobrenatural, parecia uma criança bem pequena e delicada; seus longos cabelos estavam entremeados de flores silvestres e exibiam uma leve luminosidade; tinha o

tom de pele esverdeado e seu corpo delgado estava coberto do que parecia ser um vestido feito de folhas e musgo.

Ela flutuava e pairava no ar, com asas tão diáfanas que mal podiam ser vistas, sempre à volta da árvore que eu escolhera para abrigar-me... Às vezes parecia fundir-se com o tronco da jabuticabeira, como se fossem um só ser... Eu pisquei muitas vezes, aturdida, mas ela voltava a aparecer, fazendo volteios entre os galhos, numa espécie de dança graciosa e incompreensível para mim.

“Meu Deus” – pensei – “Estou vendo uma fada?” Não que eu desacreditasse, pelo contrário, pois como espiritualista que sou, já tinha lido sobre os elementais... (Quando voltei para casa pesquisei sobre o assunto e, pela aparência, aquela fada provavelmente era uma dríade! As dríades são fadas protetoras das árvores, sendo que cada uma é integrada à sua própria árvore).

Enquanto a olhava – encantada com sua dança – ela pareceu finalmente ter me notado, pois parou, olhou-me e sorriu! Num impulso tentei me aproximar, porém ela rapidamente escondeu-se atrás do tronco da jabuticabeira e fez um único gesto com a mão, apontando para o meu corpo adormecido! Por um momento fiquei confusa, mas logo “ouvi” em minha mente: “Acorde! Perigo!”. E ela desapareceu.

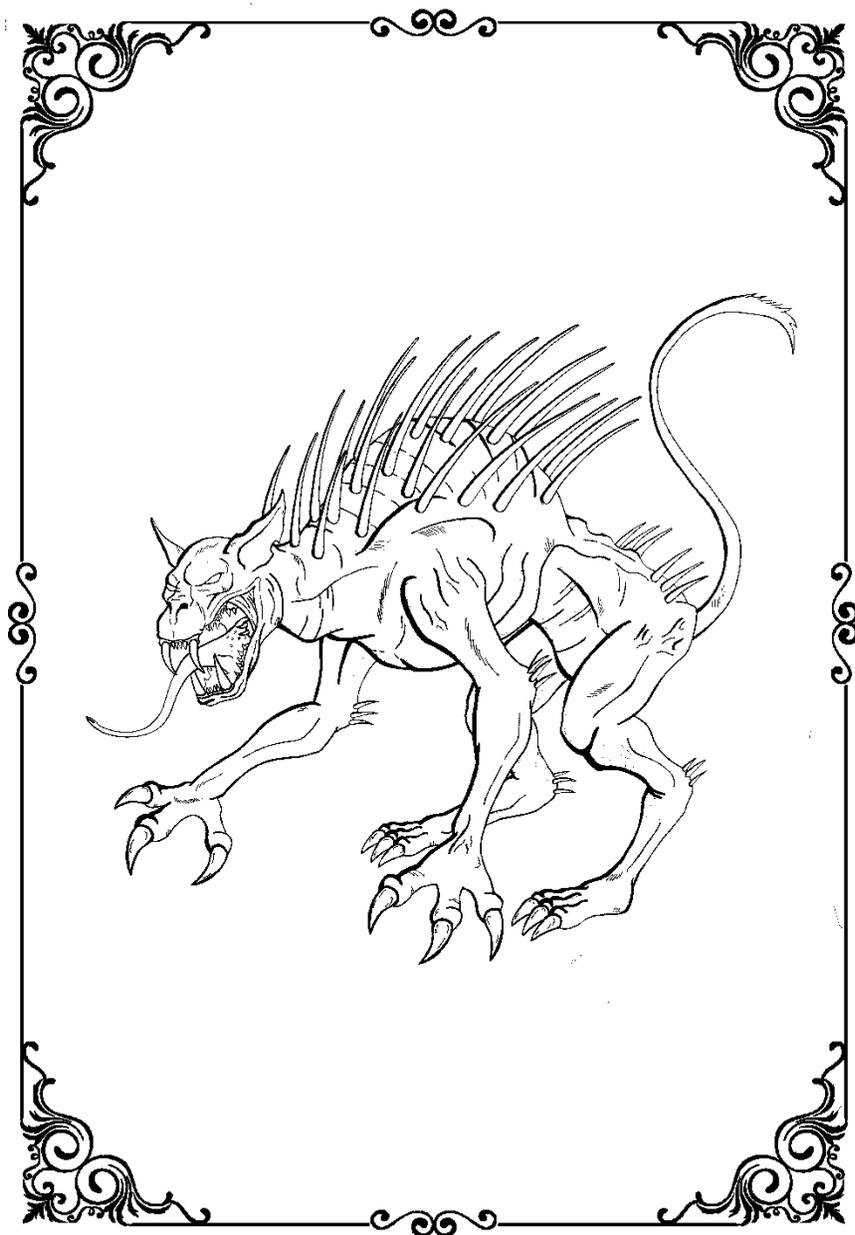
Meu espírito imediatamente voltou para meu corpo e acordei... Foi só o tempo de virar um pouco minha cabeça para perceber que uma cobra vinha rastejando em

minha direção, com o bote já armado e prestes a me morder!

Dei um grito abafado, mas com agilidade recuperei meu livro e joguei-o com força na direção da cobra, que confrontada, fugiu para a mata... Meu Deus, que susto! Será que era venenosa? Era um dia quente e eu estava com as pernas de fora, dormindo profundamente... Que perigo!

Suspirei aliviada, agradecendo mentalmente à pequena dríade, afinal ela me avisou bem a tempo, evitando algo que poderia ter tido sérias consequências...

Marina Valente
Chupa-Cabra



Chupa-Cabra é uma suposta criatura responsável por ataques sistemáticos a animais rurais em regiões da América, como Porto Rico, Flórida, Nicarágua, Chile, México e Brasil. O nome da criatura deve-se à descoberta de várias cabras mortas em Porto Rico com marcas de dentadas no pescoço e o seu sangue drenado. Uma vez que não existem registros da sua real existência, o chupa-cabra é um elemento da criptozoologia. O primeiro ataque relatado ocorreu em março de 1995 em Porto Rico. Neste ataque, oito cabras foram encontradas mortas, cada uma com três perfurações no tórax e totalmente esvaídas de sangue. Também é chamado de “chupa-cabra” um dispositivo eletrônico, colocado por ladrões nos terminais de autoatendimento de agências bancárias, com o objetivo de reter o cartão magnético e assim lesar os clientes.

CHUPA-CABRA

Chupa sangue de animais, cartões de crédito e reais.

– Bragança calma e pacata,
tal fato, eu acredito,
não tenha presenciado
quando um bicho esquisito
atacou o galinheiro
e o que aconteceu transmito:

De manhãzinha, que horror!
Que grande desolação!
Muitos frangos e galinhas
retalhados, judiação!
O pescoço perfurado,
manchado de sangue o chão.

E assim foi, noite após noite,
o fato se repetindo:
ora aqui, ora acolá...
Não pensem que estou mentindo!
O rebanho dizimado,
cachorro ao canto ganindo.

E a notícia se espalhou
feito fogo no rasilho.
Lobisomem!? Credo em cruz!
Não se ouviu um só bisbilho!
Ninguém tomou decisão
nem agiu de afogadilho.

Reforçaram os cercados
puseram cruz nos portões;
passando a noite acordados,
acendiam lampiões;
promessas de todo o lado,
muita reza e orações.

E ninguém mais se atrevia
a sair na escuridão.
Assim que o Sol se escondia
só um fazia plantão;
pela fresta da janela
aguardava a assombração.

Deu no jornal, deu na rádio,
sem nenhuma explicação.
Assunto pra toda a roda;
foi grande a divulgação.
Os mais velhos arriscavam
a sua avaliação.

Humano não pode ser
nem tampouco vir do além...
Pode ser cachorro louco,
esfomeado, porém,
cachorro pode ser visto
e a esse, não viu, ninguém.

A São Francisco, São Lázaro,
amantes da criação,
redobraram as novenas,
ofícios com devoção,
mas quando surgia o dia
era grande a comoção.

De repente alguém ouviu
fantástica informação,
que na América Central houve
essa contestação:
no México e em Porto Rico
a mesma situação.

E disseram que o tal bicho
se chamava "chupa-cabra".
E virou até mania
essa notícia macabra;
e o que mais a gente ouvia:
– À noite, a porta não abra!

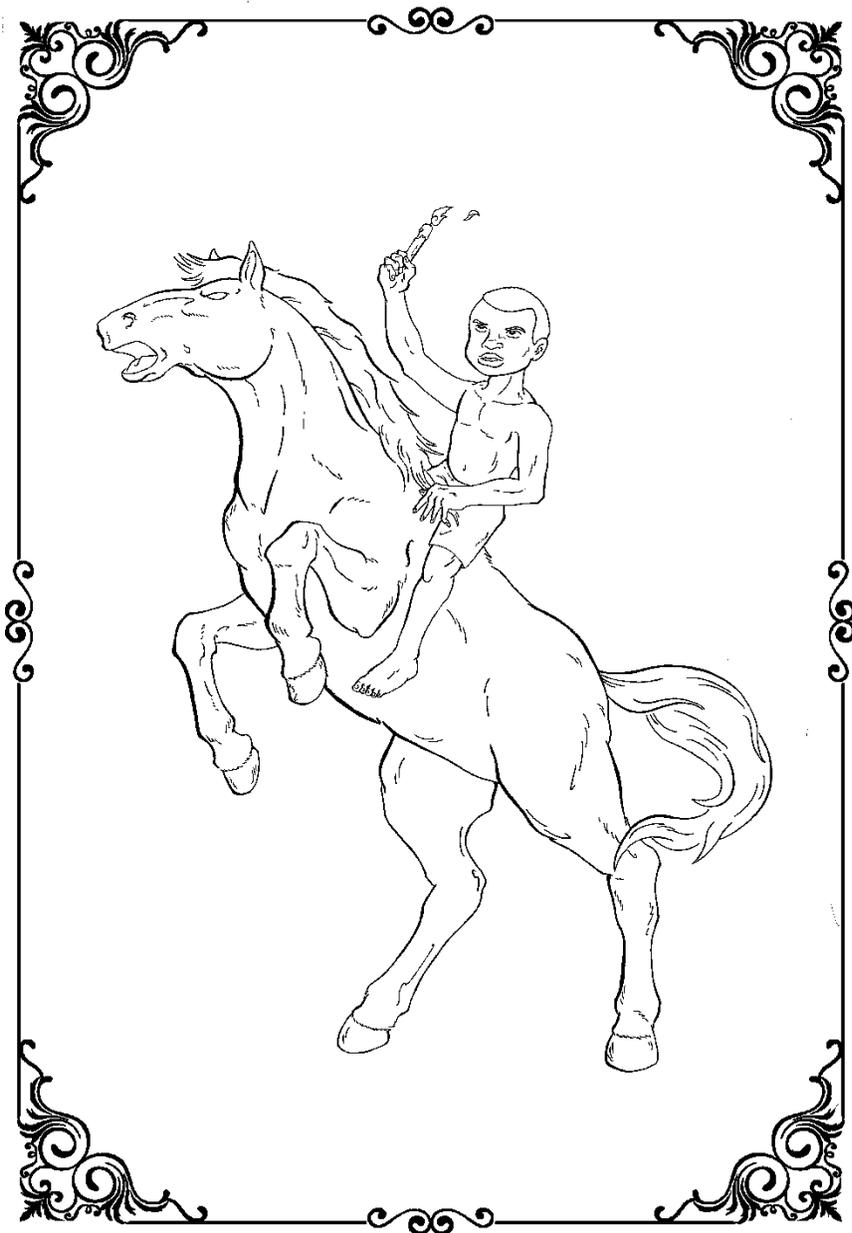
E a lenda do chupa-cabra
teve alcance mundial.
Mortes tão misteriosas
não podia ser normal;
nem a ciência provou
o que era aquilo afinal.

E o tempo foi passando,
ataques diminuindo;
o povo foi se acalmando,
na rotina foi caindo;
as prosas foram mudando,
enfim, a vida seguindo.

Os anos foram passando.
Acontecimento inédito:
aparelho chupa-cabra,
clonando cartões de crédito,
roubando senha e por fim,
do roubo nada de rádio.

Preste atenção, meu amigo!
Verifique o terminal,
se violado ou não,
se é mesmo o original.
Quando usar o seu cartão
lembre do tal animal.

Myrthes Neusali Spina de Moraes
Negrinho do Pastoreio



O **Negrinho do Pastoreio** é uma lenda afro-cristã muito contada no final do século XIX pelos brasileiros que defendiam o fim da escravidão, sendo muito popular na região Sul do Brasil. O protagonista é um menino negro e pequeno, escravo de um estancieiro muito mau; este menino não tinha padrinhos nem nome, sendo conhecido como Negrinho, e se dizia afilhado da Virgem Maria. Após perder uma corrida e ser cruelmente punido pelo estancieiro, o Negrinho caiu no sono, e perdeu o pastoreio. Mesmo tendo encontrado o pastoreio, ao cair no sono, o perdeu pela segunda vez. Desta vez, além da surra, o estancieiro jogou o menino sobre um formigueiro, para que as formigas o comessem, e foi embora quando elas cobriram o seu corpo. Três dias depois, o estancieiro foi até o formigueiro, e viu o Negrinho, em pé, com a pele lisa, e tirando as últimas formigas do seu corpo. Em frente a ele estava a sua madrinha, a Virgem Maria, indicando que o Negrinho agora estava no céu. A partir de então, foram vistos vários pastoreios, tocados por um Negrinho, montado em um cavalo baio.

ENCONTRO COM O NEGRINHO DO PASTOREIO

Para me espairecer, diante do burburinho da cidade, resolvi passar o final de semana no campo.

Encantada com a luz da lua, que penetrava pela janela, senti um irresistível desejo de caminhar pelas redondezas.

Logo que saí avistei um menino negrinho, montado em um cavalo baio, que galopava em minha direção.

Qual não foi meu espanto, quando ele se aproximou diminuindo a marcha e num largo sorriso me disse: – Boa noite!

Surpresa, perguntei-lhe quem era e o que estava fazendo àquela hora.

Ele me respondeu: – Sou o “Negrinho do pastoreio” e gosto de passear por estas bandas em noites de lua cheia.

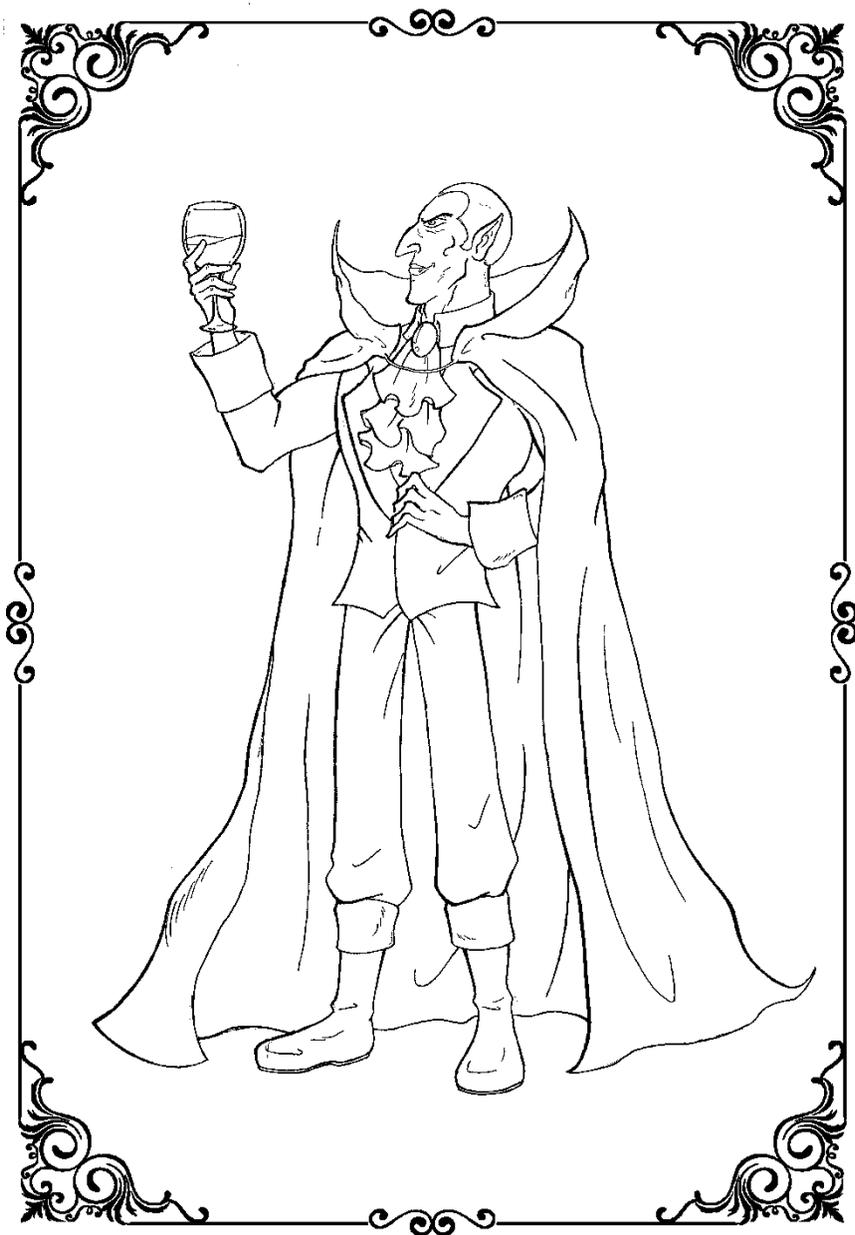
Um estancieiro malvado, dono de uma tropilha que eu cuidava, arrancou minhas roupas, chicoteou-me até me sangrar e depois lançou-me num formigueiro, porque um de seus cavalos havia desaparecido.

Nossa Senhora, minha madrinha, envolta em grande luz, livrou-me de ser devorado pelas formigas e me fez encontrar o baio desaparecido.

É por isso, que em noites de lua cheia, saio para passear e ajudar os viandantes, que perdem coisas ou animais.

Em agradecimento, lhes peço que acendam uma vela em um mourão ou embaixo de uma árvore em louvor a Nossa Senhora, minha madrinha e protetora.

Olanira Anversi
Vampiro



Vampiro é um ser mitológico ou folclórico que sobrevive se alimentando da essência vital de criaturas vivas (geralmente sob a forma de sangue), independentemente de ser um morto-vivo ou uma pessoa viva. Embora entidades vampíricas tenham sido registradas em várias culturas, possivelmente em tempos tão recuados quanto a pré-história, o termo vampiro apenas se tornou popular no início do século XIX, após um influxo de superstições vampíricas na Europa Ocidental, vindas de áreas onde lendas sobre vampiros eram frequentes, como os Balcãs e a Europa Oriental.

VAMPIRO

Quando duas almas estão destinadas a percorrer um caminho lado a lado, não há absolutamente nada que as impeça de se encontrarem. Não existe tempo, não existe contratempo, não existe desvio de rota, pois, em algum momento, elas terão que se reencontrar e continuar de onde pararam.

Há séculos nós nos encontramos na antiga Veneza, no tempo das Cruzadas, onde reinavam o sagrado e o profano. Você, de família abastada, fez suas escolhas. Escolheu a morte, desejando a vida eterna; escolheu as sombras, acreditando que teria todos os dias ao teu dispor: tornou-se um vampiro.

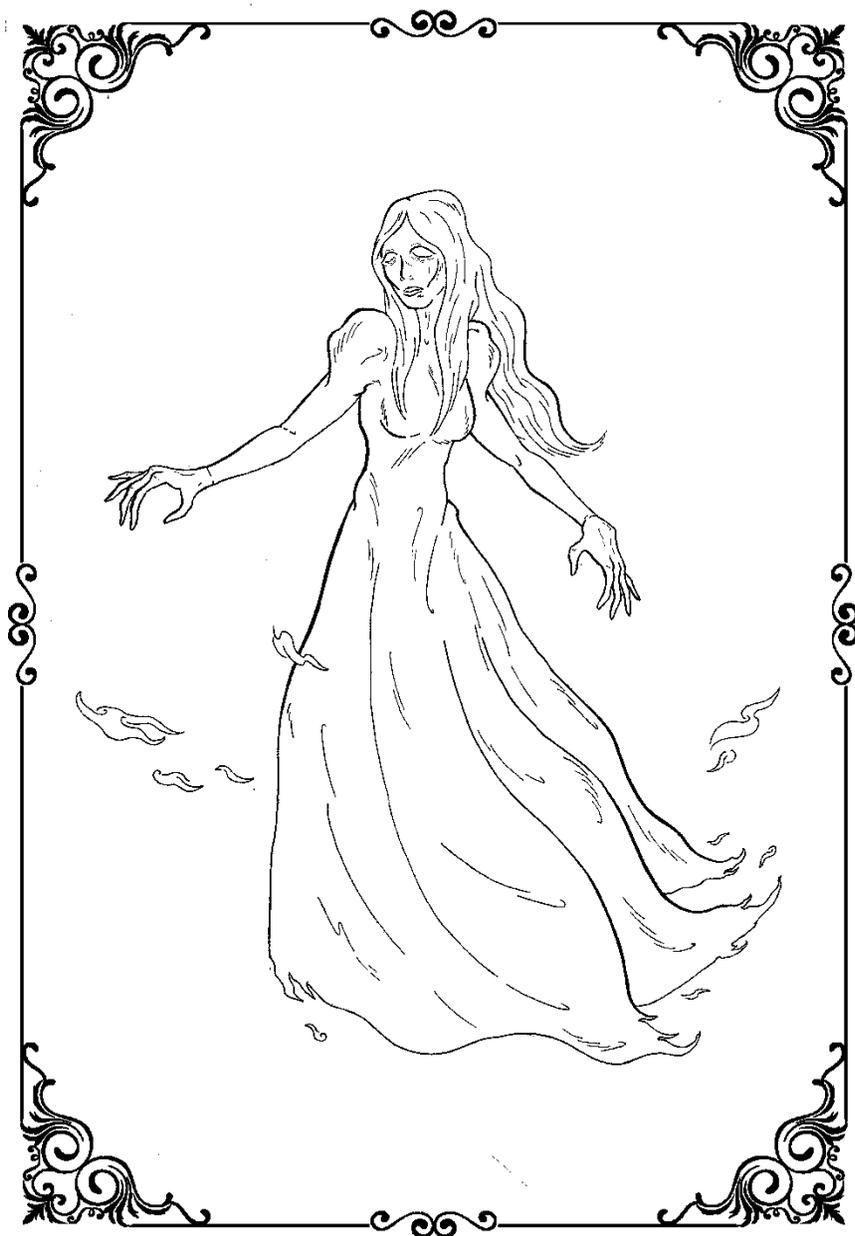
Eu era apenas uma camponesa de Cremona, filha de humildes músicos. Apenas podia oferecer-te o mais puro amor, fazer-te desfalecer de prazer na mais doce noite. Ofertei o amanhecer através de sorrisos e beijos de um eterno bom-dia. Ofereci a noite eterna, através do calor dos abraços, dos beijos molhados... Desnudados, permiti que me tocasse a alma com teus dedos, tuas mãos, com o atritar dos corpos em sintonia, com a ária dos gemidos, dos silêncios, dos suspiros profundos e gritos de ternura violenta, de espasmos e tremores delirantes e inexplicáveis.

Em nossa última noite você apenas me mordeu... Naquele momento morremos! Você na tua eterna materialidade, eu em minha brevidade sensorial. Você bebeu

minha vida, e quando ofereceu o teu sangue, a tua escuridão, para que eu ganhasse as trevas contigo, eu rejeitei. Rejeitei tuas mentiras, rejeitei toda a falsidade da tua matéria, mas teu amor, isso não pude rejeitar. Definhei diante dos teus olhos... Minha derradeira lembrança são tuas lágrimas de sangue; em teu peito cravastes eternamente uma estaca! Morremos, você na tua eternidade e eu na minha brevidade.

Agora, em tempos modernos, novamente nos encontramos... Você com o sorriso triste e o olhar vazio na matéria. Eu, diante de ti, reafirmo novamente: a única coisa que te fará eterno é o amor, que cura toda a dor. Ofereço-te novamente tão pouco. Ofereço o prazer da companhia compartilhada; minha presença integral como presente de amor eterno, que anseia além do corpo.

Otacílio Monteiro
A loira do banheiro



A **Loira do Banheiro** é uma daquelas lendas urbanas que já assustou muita criança no banheiro da escola. É associada à imagem de uma jovem vestida de branco, com algodões no nariz. Mas, o que muitos não sabem, é que essa lenda assustadora surgiu de uma história real sobre uma garota chamada Maria Augusta de Oliveira Borges, nascida no fim do século 19, em Guaratinguetá (SP). A jovem foi obrigada pelo pai a casar-se aos 14 anos com um homem muito mais velho. Infeliz com o casamento, a garota vende suas joias e foge para Paris, com 18 anos. Aos 26 anos, Maria falece e o corpo é trazido ao Brasil. Até que o túmulo fosse construído, o cadáver foi mantido em uma urna de vidro no casarão da família para visitação pública. Cerca de uma década depois, em 1902, a casa d  lugar à Escola Estadual Conselheiro Rodrigues Alves. Os boatos de que o espírito vagava pela escola já existiam, mas a história da “Loira do Banheiro” ganhou força quando um incêndio misterioso comprometeu parte do prédio em 1916. De acordo com a lenda, o espírito anda pelos banheiros da escola abrindo torneiras para saciar sua sede e pedindo que seja enterrado.

Fonte: <https://energiachapeco.com.br/noticias/folclore-nacional-loira-do-banheiro-uma-lenda-de-arrepiar/>

BAILA COMIGO!

Padres, a princípio, não namoram ou paqueram. Não deveriam ir a lugares profanos, para não flertar com tentações como a bebida, as drogas ou o sexo casual. Não, não deveriam.

Padre Antônio Carlos, porém, ali estava. A festa começara às 22 horas, engrossara à meia-noite e, por volta das duas, corria a todo vapor. E lá estava ele, soltinho na impecável batina preta, óculos redondos, botinão e rosário no bolso. Sabe-se lá se não podia aparecer um endemoniado, uma assombração ou espírito zombeteiro que necessitasse de reza forte! Lá estava, em mau lugar para um homem de Deus, o Padre Antônio Carlos. Mas tudo bem, porque o padreco era euzinho aqui e a festa – vejam só – era um baile à fantasia.

Já havia um tempo que eu observava, do balcão dos bebuns, aquela bela freira, perfeitamente paramentada não fosse a minissaia – aparentemente a única peça a destoar do hábito preto que, no mais, era perfeito, incluindo o véu a cobrir-lhe o rosto.

— Deve ser linda essa freirinha...

— Nunca vi essa menina aqui... Mas que gata!

— Que pernas, malandro!

Era preciso agir depressa. O Marcos, de policial, o gangster Flávio e o vampiro Douglas preparavam a investida. Fui mais rápido, porém, e fui confiante. Afinal, o casal mais plausível era mesmo o de padre e freira.

Aparentemente, eu acertara. Após três canções de rostinho colado, a Irmã Graça parecia seduzida.

— Que tal conhecer meu apê, e me conhecer melhor?

— Não sei... É a primeira vez, em séculos, que eu saio.

A voz chorosa e a expressão dramática soaram engraçado, mas um inexplicável arrepio me percorreu.

— Fale mais de você, irmã misteriosa... (Enquanto mordiscava a sua orelha fria e deslizava a mão pelas suas costas).

— Padre abusadinho, tenho pouco a dizer. Sou tímida e, como disse, quase não saio. Meu mundo, aliás, é a escola; parece que estou presa lá.

— Você não deve ser tão santa. Saia dessa fantasia; me deixe ver seu rosto, me dá um beijo!

— Assanhado! Esta freirinha não mostra o rosto e nem beija tão fácil. Agora preciso ir à toailete, e já volto. Mas saiba que você já ouviu falar de mim.

— Como assim?

— Você não se lembra, mas já fui, e acho que ainda sou, o terror dos meninos do colégio. Já volto, bonitão! Fiquei intrigado. Mas na hora em que ela sumiu na fumaça, senti um odor de perfume, éter e enxofre. E minha atenção se voltou para maldizer os donos da festa, por aquele efeito especial.

Eu seguia confiante. Esperei tranquilamente por dez, quinze minutos. Mas após vários copos de cerveja, já batia a ansiedade, e nada!

De repente, vem o Jorjão, o Segurança, velho conhecido.

— Agora que deu uma brecha na portaria, vim te entregar. Foi aquela freirinha que mandou.

A bandida fugira. Pintou um misto de frustração e alegria; pelo menos ela deixou um envelope, certamente com o seu contato.

Ao abrir, quase caio duro. Uma foto, com a cena que, por muito tempo, havia tirado meu sono. Uma pálida garota, de cabelos loiros, a se olhar no espelho da parede. Água e sangue escorrem pela pia. No nariz, um tucho de algodão, e vários cortes na linda face e nos braços. No verso, um recado em tinta roxa: “Até a próxima dança!”
Ass.: A Loira do banheiro.

Regina Maria Zanini Damázio
Lobisomem



Lobisomen ou licantropo é um ser lendário que é descrito como um humano capaz de se transformar em lobo ou em algo semelhante a um lobo em noites de lua cheia. Tais lendas são muito antigas e encontram a sua raiz na mitologia grega. Segundo As Metamorfoses de Ovídio, Licaão, o rei da Arcádia, serviu a carne de Árcade a Zeus e este, como castigo, transformou-o em lobo. No Brasil existem muitas versões dessa lenda, variando de acordo com a região. Uma versão diz que a sétima criança em uma sequência de filhos do mesmo sexo tornar-se-á um lobisomen. Outra versão diz o mesmo de um menino nascido após uma sucessão de sete mulheres. Outra, ainda, diz que o oitavo filho se tornará a fera. Outra já diz que é após a morte de um familiar que possuía a aberração e passou de pai para filho, avô para neto e assim por diante. Em algumas regiões, o Lobisomen se transforma à meia-noite de sexta-feira, em uma encruzilhada. Como o nome diz, é metade lobo, metade homem. Depois de transformado, sai à noite procurando sangue, matando ferozmente tudo que se move. Antes do amanhecer, ele procura a mesma encruzilhada para voltar a ser homem.

DE PAPO COM O LOBISOMEM

Lua cheia, noite estranha,
ao voltar à minha casa,
na rua deserta avisto
um ser com olhos em brasa,
sinto logo uns calafrios
e um temor que me arrasa!

Vem em minha direção,
de susto eu fico parada!
Os seus passos tão pesados
fazem tremer a calçada,
minha voz sai num sussurro
de pessoa apavorada...

Pergunto com muito medo:
— Quem é você, criatura,
que aparece de repente,
no meio da rua escura?
E logo vem a resposta,
com jeito de uma aventura:

— Metade de mim é lobo,
na outra metade sou um homem,
preciso quebrar encantos
que há séculos me consomem.
Minha lenda é muito antiga:
o famoso lobisOMEM!

Sua voz parece calma
contrasta com a aparência
e seu tom é amigável
com ares de confiança,
de quem quer compartilhar
uma triste experiência.

Eu já não sinto o pavor
e fico muito curiosa,
faço então outras perguntas...
a fera não é furiosa,
responde com gentileza,
mostra que é boa de prosa.

Fala num tom melancólico
que existem muitas versões
da origem do lobisomem
nas diversas regiões,
mas não sabe qual a certa
tantas são as discussões...

Licaon afrontou Zeus
na Grécia da Antiguidade
e o deus grego, em reação,
deu-lhe por penalidade
essa tal licantropia,
para pagar a maldade.

Lobisomem me pergunta
se conheço outra versão
e eu me lembro de uma delas,
crença de povo cristão:
virar lobo é castigo:
se pecou, tem maldição.

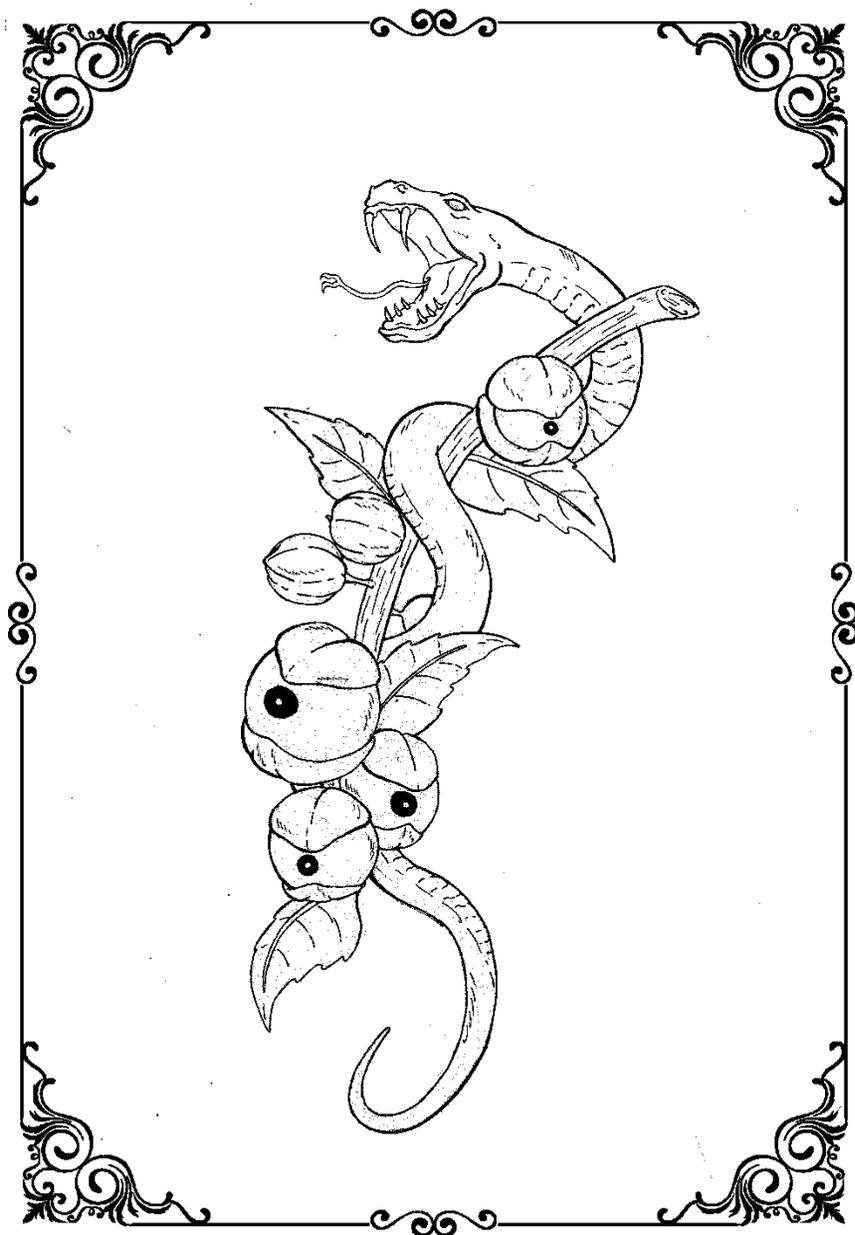
Quero saber como eu posso
ajudá-lo a sair dessa.
Ele já fez quase tudo,
mas o encanto não cessa...
então me faz um apelo
com olhares de promessa:

— Não tente me atingir
com objetos de prata
porque se fizer assim
é certeza que me mata,
prefiro ganhar um beijo
de uma moça tão sensata.

E nesse momento a aurora
iluminou toda a rua,
no céu o sol despontando,
tomando o lugar da lua,
procuro o lobo atrevido
para saber qual a sua.

Ele não está mais ali!
Ao longe um vulto, sozinho,
está se afastando de mim,
segue firme em seu caminho
e o jeito de andar não nega:
o esquisitão, meu vizinho!

Silvana Cardoso de Almeida
A lenda do guaraná



A lenda do Guaraná tem origem na região norte do Brasil e é uma das mais populares do nosso folclore. O guaraná é um fruto originário da Amazônia. Segundo a lenda folclórica da região, ele é originalmente os olhos de um indiozinho que foi mordido por uma serpente quando estava apanhando frutos na floresta. Tudo aconteceu quando um casal de índios que não tinha filhos pediu ao deus Tupã que tornasse possível o seu desejo de serem pais. O pedido foi atendido e o casal teve um menino bonito e saudável que era estimado em toda a tribo. Invejoso de suas qualidades, Jurupari, o deus da escuridão, resolveu matar o indiozinho. Um dia, enquanto o menino colhia frutos na floresta, Jurupari se transformou em serpente. Tupã mandou trovões ensurdecedores alertando os pais do perigo que o menino corria, mas não houve tempo até que a serpente matasse o menino com o seu veneno. Assim, Tupã mandou plantar os olhos da criança para que deles nascesse uma planta. O fruto dessa planta deveria ser dado para as pessoas comerem com o objetivo de lhes dar energia. No local onde os olhos foram plantados nasceu o guaraná, frutinha que apresenta o aspecto de olhos.

Fonte: <https://www.todamateria.com.br/lenda-do-guarana/>

GUARANÁ

Dia muito frio lá fora, estou há mais de uma semana sem poder sair para trabalhar, as notícias são de graniço, chuva congelante e tempestade de gelo com ventos brutais. O pior é ficar aqui, sem energia elétrica, parte do Texas está sem aquecimento ou água quente, milhares de voos foram cancelados... falam em 17°C abaixo de zero... as poucas informações vêm de um rádio.

A lareira é o local mais quentinho da casa, onde tenho ficado com cobertores, muitas roupas e alguma bebida quente.

O tempo não passa, fico me perguntando o que estou fazendo aqui?

A proposta era tão interessante, um projeto da BiblioTech, um acervo só de livros digitais da biblioteca da Universidade do Texas. Vim exclusivamente para terminar a digitalização dos livros do acervo de Gabriel García Márquez, o trabalho está no final, são mais de trinta mil itens que já foram disponibilizados, eu já estou de malas prontas para voltar para o Brasil, mas agora... me vejo presa aqui.

Para completar, amanheci com febre e me sentindo muito mal, chego a delirar, não sei se é frio, medo, fome, saudades... ou tudo junto... Vou ficar quietinha, perto da lareira...

O filho do vizinho, o Akiri, veio me perguntar se eu estava melhor, que gentileza! Um menino lindo, cabelos lisos e pretos, pele dourada que lembra muito os pequeninos do norte da minha terra.

Estou com muita sede, ainda mal, ele me trouxe um líquido doce e saboroso que bebi sem pensar, como se fosse um oásis no deserto... A sede era tanta, que bebi mais e mais....

Estava me sentindo tão só e ele me fez companhia, ficamos conversando por muito tempo, falei do trabalho, da saudade do sol da minha terra, lembro ter falado a tarde toda... e o menino ali, me olhando com seus olhos lindos e grandes. Olhos pretos, brilhantes como bolas de gude.

Ficou a me ouvir, a me olhar e a me dar o quê beber... Senti uma paz e uma felicidade, um bem-estar, algo tão bom...

Acho que dormi...

Já era tarde quando bateram na porta, era o vizinho avisando que a energia elétrica voltou e que a tempestade de neve estava passando, as máquinas estavam limpando as ruas e estradas e os voos nos aeroportos se normalizando. Que notícia boa!

Aproveitei para agradecer a gentileza de deixar o filho passar a tarde comigo e trazer um "chá"... Qual não foi a minha surpresa! Meu vizinho não tem filhos e ele não conhece nenhuma criança que more ao redor.

Até agora não entendi, acredito que delirei e sonhei, mas certamente me fez muito bem, me sinto ótima e pronta para viajar.

Vou celebrar muito... Sol, praia, brigadeiro, pão de queijo e me acabar no Guaraná...

Sílvio Dejean
Saci



O **saci**, também conhecido como saci-pererê, saci-cererê, matimpe-rerê, matita perê, saci-saçurá e saci-trique, é um personagem bastante conhecido do folclore brasileiro. Tem sua origem presumida entre os indígenas da Região das Missões, no Sul do país, de onde teria se espalhado por todo o território brasileiro. O saci é um negro jovem de uma perna só, portador de uma carapuça sobre a cabeça que lhe concede poderes mágicos. Considerado uma figura brincalhona, que se diverte com os animais e pessoas, fazendo pequenas travessuras que criam dificuldades domésticas, ou assustando viajantes noturnos com seus assovios – bastante agudos e impossíveis de serem localizados. Assim, faz tranças nas crinas dos animais, depois de deixá-los cansados com correrias, atrapalha o trabalho das cozinheiras, fazendo-as queimar as comidas, ou ainda, colocando sal nos recipientes de açúcar ou vice-versa e também aos viajantes se perderem nas estradas. A ele é atribuída também a capacidade de ser carregado por redemoinhos.

O SACI

Da floresta, olhava o céu azul lilás.
Isso sim, é que se chama paz.

Ouvi um barulho de redemoinho,
percebi algo a se desenrolar,
a poeira que dançava pelo ar,
foi descendo devagarinho...

Uma imagem foi surgindo...
Juro que vi... Era o Saci!

Aquele pequeno e travesso menino,
que tinha só a perna esquerda,
na cabeça, seu gorro vermelho,
na boca, seu mágico cachimbo.

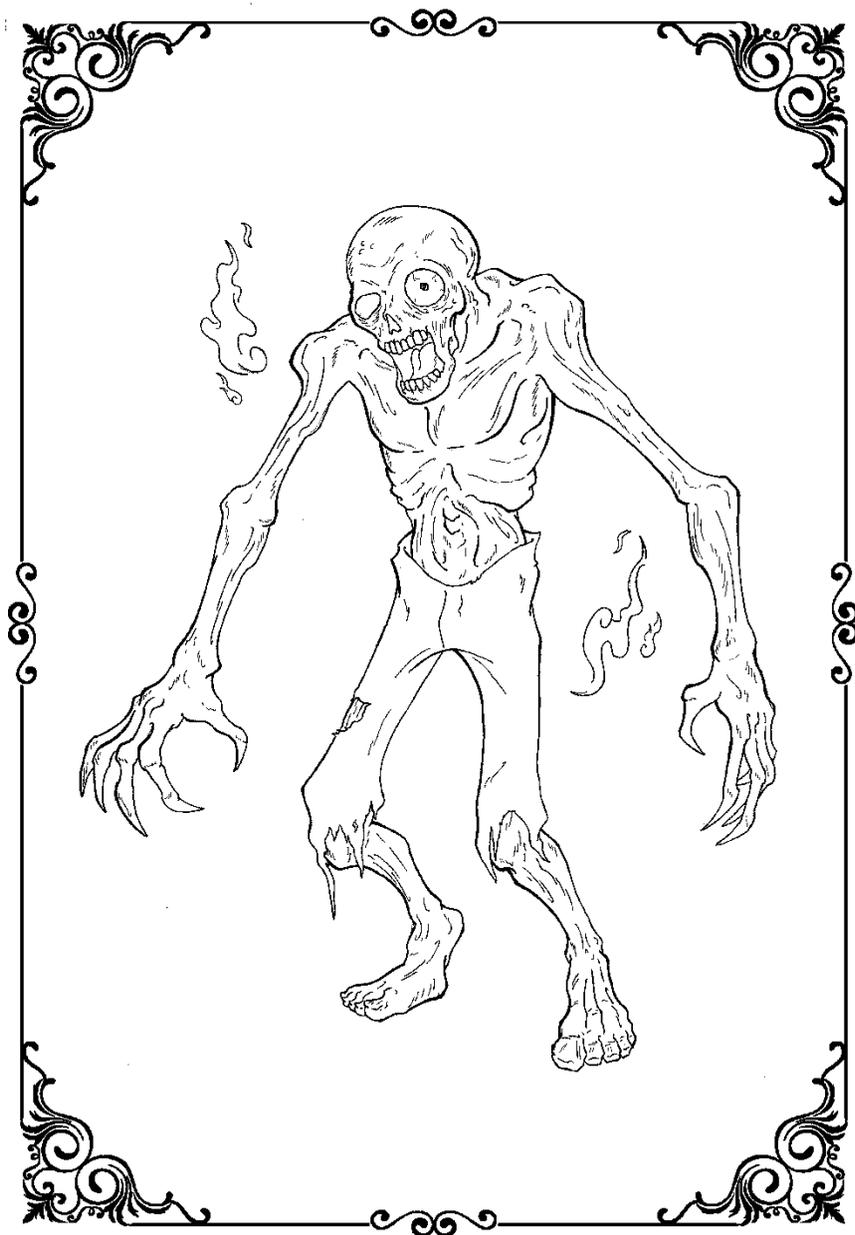
Olhou para mim, com olhar matreiro,
fez sinal para acompanhá-lo,
a porteira da fazenda fez abrir,
e fazia sumir objetos pequenos...
tudo para poder se divertir.

Fui acompanhando suas pegadas,
e vi, observando suas peripécias,
que pelo redemoinho se movimentava,
deslocando-se na poeira bem depressa...
Eu sabia que para ser apanhado,
uma peneira deveria ser jogada
de surpresa sobre seu redemoinho...

Tirando seu gorro, seus poderes sumiriam...
na garrafa especial poderia ser colocado,
que seria tapada com uma grande rolha
onde deveria ser desenhada uma cruz...

Era difícil pegá-lo, corria mais que avestruz!
Apaixonei-me pelo guardião da floresta,
no deboche que trazia em seu sorriso.
Ele não era mau, era somente divertido...

Thays Feitoza Maldonado
Corpo-Seco



O **corpo-seco** – lenda popular no sul e sudeste do Brasil – é um ser amaldiçoado, uma espécie de morto-vivo que está condenado a vagar pela Terra aterrorizando as pessoas. Ele é um cadáver que foi devolvido pela terra, que não o aceita por conta das maldades que realizou em vida. As maldades do defunto que se transforma em corpo-seco são tão grandes que nem Deus nem o diabo quiseram receber sua alma. Como a alma do defunto não foi aceita no céu e no inferno, e a terra rejeitou devorar o corpo, o morto retorna ao plano dos vivos e, na condição de nem vivo nem morto, vai aterrorizar os viventes que passarem por ele. Como não é morto, o seu corpo não apodrece, mas, como não é vivo, também não é alimentado, portanto, o corpo-seco, literalmente, tem o corpo ressecado, com apenas os ossos e o couro. Corpo-seco, ainda, tem unhas e cabelos enormes, pois não param de crescer jamais. Essa característica fez com que ele ficasse conhecido também como *Unhudo* em algumas regiões.

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/folclore/corpo-seco.htm>

CORPO-SECO

Aqui é pior que o inferno!

Essa gente pobre, cheia de criança ranhenta. Meu castigo é ter que viver no mundo deles. Tá pensando que eu não presto, né?

Olha só, com todo respeito, também te enoja quando chegam tão perto que dá pra sentir o cheiro de urina velha naqueles trapos sujos. Você nem olha nos olhos deles, xará! No farol, pedindo comida. O que você faz? Finge que tá trocando a estação do rádio? Que foi? Que cara é essa? Você quer ouvir minha história. Vou te contar, tá ok?

Nasci no interior. Caçava passarinho com a espingarda de chumbinho do meu avô, dava gosto de ver o bicho caindo, rodando no céu, era uma alegria! Não, claro que minha irmã não tava lá. Uma mulher não deve aprender a atirar. Que bobagem!

Uma vez acertamos um pardal no meio do peito. Ele subiu um pouco antes de cair, rimos tanto! Quando entrei na mata pude ver um homem se escondendo, depois a polícia chegou. Apontei a direção do fugitivo, o sargento me olhou e deu um sorriso de aprovação. Soube ali que queria ser o homem que acertaria o meio da nuca do fujão. Fiquei uns minutos imaginando o furo da bala, o queimado em volta como no peito do pardal. O sangue ia esguichar ou escorrer como uma torneira? Foi muito divertido! Sou bom atirando em gente, acerto até bicho pe-

queno que voa. Gente é mais fácil, dá pra ver quem não presta de longe!

Meu pai era um bêbado inútil, eu cuidava de tudo. Uma vez entraram em casa, uns crioulos, não eram da cidade, sei porque já tinha todos fichados aqui ó, na cabeça! Atirei neles com a espingarda, ficou um cheiro de preto queimado na casa toda, mas valeu a pena. Minha mãe ficou muito feliz, faria qualquer coisa pra me agradecer. Nunca levei jeito com as mulheres, mas antes de sair de casa um menino tem que virar homem. Minha mãe me ensinou isso também.

Segui meu destino, tirei desse mundo muita gente imprestável, depois vi que precisava fazer algo de bom. Você sabe quanta riqueza podemos extrair da terra? Deus pensou em tudo, até fez uma raça pra mandar e outra pra obedecer, diferenciou a gente pela cor, isso é justiça! Mas sempre tem quem queira impedir o progresso. Aquele povo da floresta tinha que aprender uma lição. Tentamos negociar, pacificamente, mas começaram a cobrar coisa que não deviam. Eliminamos primeiro quem caçava. Uma noite saíram pra festa, veja só! Acabamos com tudo. Abrimos a carne deles como um leitão, tinham que entender que não são nada.

Você comeu alguma coisa estragada, xará? Que nojo, limpa isso aí!

À noite comemoramos. Fui dormir com a sensação de dever cumprido. A última coisa que ouvi foi Haximuteri, e senti o sangue quente empapando minha garganta.

Acordei. Estava tudo queimado, já não sentia nada, só sabia que tinham me deixado, Deus e o diabo. Passei anos vagando, olhando aquele espaço sem serventia. Claro que sabia! Eu estou morto, o corpo frio, a pele podre, mas nenhum urubu se aproxima, nenhum verme ou mosca varejeira.

O fato é que Deus não me quis porque tenho que cumprir meu destino.

O povo de bem precisa de um líder com coragem pra acabar com a bandidagem. Eu serei esse líder. Faço qualquer coisa! Entro na porrada, levo tiro, facada, qualquer coisa pra salvar o meu povo e ter o reino eterno que me negaram.

Vladimir Inokov
Mago Merlin



Merlin ou Merlim foi um mago, profeta e conselheiro do rei Artur nas lendas e histórias do Ciclo Arturiano. Surgido pela primeira vez em obras do século XII, o personagem tornou-se um dos mais populares das lendas arturianas.

MEU ENCONTRO COM O MAGO MERLIN

Vivendo a plenitude da terceira idade, costumo meditar nas altas horas da noite sobre a minha própria existência. Numa ocasião, por força da minha sintonia mental gnóstica, invoquei e, surgiu em forma física, Merlin, o mago (conselheiro do Rei Artur do século VI e criador da tábola redonda) e pelo qual sempre tive grande apreço.

— Grato pela sua presença, amigo Merlin, preciso de sua ajuda, mas antes de relatar o meu desejo, ouça as minhas ponderações: somos sementes de luz ocultas entre as pedras numa escuridão profunda no planeta Terra, aguardando a germinação da nossa centelha divina implantada em cada ser, que, mais cedo ou mais tarde, vai desabrochar como pétalas de uma rosa.

— O corpo humano, que é o templo de Deus (coríntios 3: 16-17) tem dentro de si a Trindade Divina, que são: o poder (pai), o saber (filho) e o espírito santo (a vida em movimento), mas eu nunca soube aproveitar essas forças.

A seguir revelei o meu desejo: gostaria de salvar a minha alma e tornar-me imortal, como são os anjos do Senhor Deus.

Disse o mago:

— Você é cristão, encontrarás o caminho na sua igreja!

Respondi:

— Tenho respeito pela minha igreja e todas as cristãs, mas não participo de nenhuma delas. As igrejas cristãs desviaram-se de sua missão espiritual, tornando-se “entidades materialistas”, só acumulam bens, não pagam impostos, aplicam em ações, constroem e reconstroem seus complexos turísticos religiosos. Quando decidem ajudar os pobres fiéis, distribuem as riquezas dos outros sem tocar nas suas. Religiosos e fiéis apegados a dogmas esdrúxulos e arcaicos e sem jamais esquecer da milenar e nefasta Inquisição. São cicatrizes que não cicatrizam! A maioria das igrejas só salva o seu próprio dinheiro e bens! Tenho muita afeição pela igreja primitiva cristã, que era pobre, mas rica em virtudes. A verdade liberta! A verdade é luz, meu caro mago Merlin!

— Bem, se é assim que você pensa, vou indicar-lhe um caminho seguro para a “salvação de sua alma e sair do círculo cármico”, com um estudo de mística com gnóstica (gnose: em grego, conhecimento), que o ajudará alcançar o seu objetivo ainda aqui, na presente vida.

E sugeri:

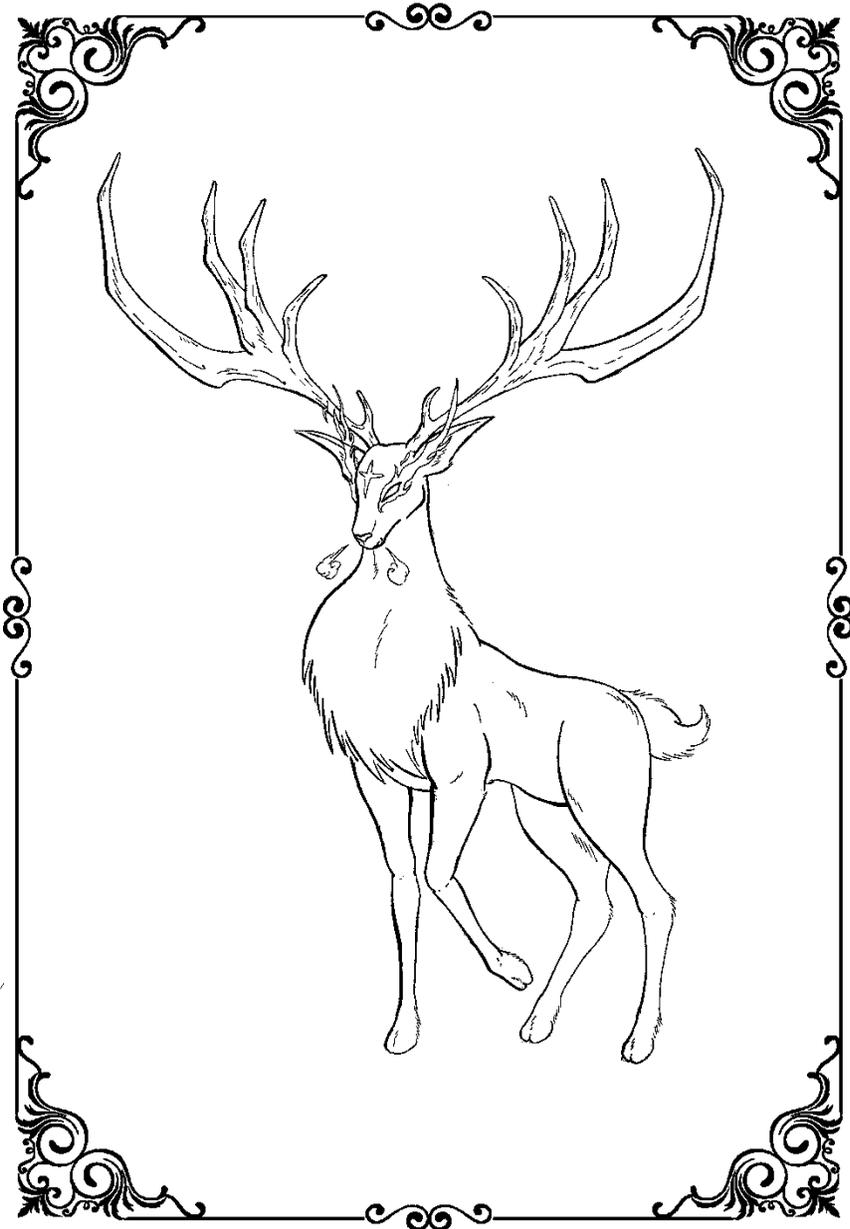
— Quer salvar a sua alma? É fácil, basta ter a paciência de um oriental e assimilar os seguintes aprendizados (em livros comprados), divididos em quatro partes, como segue: Primeira – técnicas de investigação e metodologias; avaliação e tratamento estatísticos dos resultados; ‘sicotrônica, metapsíquica, ciência e religião, psicobiofísica. Segunda parte – o corpo humano (físico, psicologia e fisiologia, influência e interação das energias psi

do corpo não físico com as funções somáticas, glândulas, órgãos, sistemas e células, centros de energia e chakras. Terceira parte – estudos dos fenômenos, clarividência, telepatia, xenoglossia, psicometria, cristaloscopia, radiestesias, visão dermo-ópticas, fenômenos psi-kappa, corpo bioplasmático, aura, energia psi e radiações humanas, fotografias kirlian, fenômenos de automatismo, mesa “ouija”, tiptologia, psicografia, ectoplasma, poltergeist, bilocações, transporte, desdobramento, memória extracerebral, reencarnação e ressurreição, bioeletricidade vegetal e sensibilidade das plantas, vozes psicofônicas (mortos), psicopictografias, música celestial, energia das pirâmides, regressão de memórias a vidas anteriores e metaloterapia. Quarta parte – bioplasma, camos psi e futuro da parapsicologia como ciência, cristo cósmico e deus intergaláctico. Entendeu? Então continue a caminhada espiritualista.

Refleti e resolvi desistir da busca irrefletida. Não tenho idade, nem ânimo para tais estudos humanitários. Grato, Mago Merlin, mas decidi entregar a minha salvação ao Senhor Deus, o grande Arquiteto do Universo! Ele será o meu comandante, e navegando pelos mares da vida, me guiará até um porto seguro.

Que assim seja, hoje e sempre. amém!!!

Wadad Naief Kattar
Anhangá



Anhangá, segundo a mitologia brasileira, é um espírito poderoso que protege as matas, os rios, os animais, punindo quem caça nas florestas. Ele tem habilidades várias, podendo se apresentar como um veado branco enorme, como boi, peixe grande ou qualquer outro. E pode se transformar também em humano (Mira-anhangá) para expulsar madeireiros, caçadores ou qualquer um que possa maltratar animais ou trazer malefício ao ambiente. Estima-se que esse espírito da natureza tenha surgido com as florestas da Amazônia. Dizem que essas pessoas são atacadas com pauladas invisíveis, chifradas ou coices quando ele está em forma de veado (Suaçu-anhangá). O sinal de sua aproximação é um assobio e quando isso acontece o animal caçado desaparece da frente do caçador. Algumas pessoas acreditam que o Vale do Anhangabaú-SP, tenha edifícios, prédios e o Theatro Municipal assombrados pelo espírito de Anhangá. E que grandes incêndios, desabamentos e outras catástrofes aconteceram na região como castigo pela floresta ter sido transformada em zona urbana.

ANHANGÁ – DEUS DA CAÇA – PROTETOR DA FLORESTA

Gosto muito de passear pela mata e num desses passeios, surgiu à minha frente um ser lindo, que não deveria ser das redondezas, pois nunca o tinha visto.

Minha primeira reação foi de fugir, porque tive muito medo, mas ouvi uma voz suave que pediu calma, que não iria me fazer mal algum.

Entre desconfiada e temerosa, perguntei:

— Quem é você?

— Sou Anhangá, protetor da floresta, deus da caça, que impinge castigo a quem desrespeita as regras das matas e de seus habitantes, a quem caça, fere animal, a quem mata a fêmea que está amamentando deixando órfão o filhote. Enfim, o caçador cruel é punido de forma inesquecível. Uma das punições é desviar as balas destinadas à caça para o seu parente querido. E existe ainda uma outra que é causar alucinações a tal ponto, que ele não conseguirá mais sair da floresta, ficando perdido para sempre. Mas você, se precisar de ajuda algum dia na mata, fugindo de caçadores ou animal selvagem, basta que grite: “Valha-me, Anhangá” e aguarde que virei ao seu socorro. Desde que não esteja praticando nenhuma maldade com os animais.

— Mas a mata é imensa, como você saberá de onde estou pedindo socorro?

— Não se preocupe. Saberei. Apenas me chame e aguarde.

Dito isso, tomou a forma de veado e saiu em disparada.

Eu fiquei triste. Senti-me atraída pelo ser, seja lá o que ele fosse.

Mas prometi a mim que voltaria à mata e o chamaria. Afinal, ele disse que atenderia o chamado. E eu queria muito vê-lo.

Um dia minha mãe pediu que fosse apanhar amoras silvestres. Com a cesta no braço saí à procura, mas não as encontrava. Andei muito e nada de ver esses arbustos e quando me dei conta, não sabia onde estava. Entrei em pânico. Andava, andava e saía sempre no mesmo lugar. Lembrei-me de chamar Anhangá. Gritei: — Valha-me, Anhangá! Anhangá! Gritei mais vezes. Nada. Já rouca, desanimada, achei melhor eu mesma descobrir o caminho de volta. Depois de várias tentativas, consegui.

— Anhangá, falso, mentiroso, filho de um animal pestilento! E então desabafei gritando todos estes palavras em tupi-guarani: &%#%#%&.

